1. INTRODUÇÃO

Diante de um processo minucioso que se chama adoção pode-se observar sentimentos como: ansiedades, medos, incertezas. Assim mostra-se de fundamental importância que o casal esteja preparado para esse acontecimento marcante que ocorrerá em suas vidas. Segundo Reppold e Hutz (2002), "a literatura aponta a discriminação associada à adoção, evidenciando a grande freqüência das situações de preconceito que as famílias adotivas são expostas, o que pode, inclusive, justificar as dificuldades de adaptação dos adotados, ou o menor apoio social percebido pelas mães adotantes."

O auxílio de um psicólogo e/ou a participação em grupos de apoio tem como objetivo auxiliar na conscientização acerca da possibilidade de existir diferenças entre a criança que é idealizada e a criança real, permitindo uma melhor adequação ao papel de pais adotivos, a troca de expectativas e até mesmo a frustração. Muitas vezes pode ocorrer uma ambivalência de sentimentos, pois, ao mesmo tempo em que ocorre a gratificação de desejos com a chegada do filho adotivo, tem que renunciar de outros. Esta constante negociação entre o filho desejado e o filho possível na concretude das ações faz parte de um processo de constituição das pessoas e das situações, que é construído e envolve desejos e frustrações das pessoas envolvidas na relação.

Segundo Schettini, Amazonas e Dias (2006), "o acompanhamento psicológico contribuirá para que os futuros pais consigam distinguir as suas reais motivações conscientes e inconscientes para a adoção, discernindo-as daquelas que poderiam ser consideradas inconsistentes, insuficientes e constituir-se no futuro, numa situação de risco."

A pesquisa se justifica pela importante compreensão à cerca da vivência emocional que o adotante, ou casais possuem enquanto aguardam na fila de espera da adoção, a qual nos proporcionou um conhecimento mais amplo e profundo acerca da temática exposta, no qual foram adquiridas através dos relatos expostos mediante a entrevista aplicada.

Pretendeu-se com a pesquisa obter um conhecimento mais abrangente a cerca das expectativas dos casais que estão na fila de espera da adoção, os quais serão úteis no desenvolvimento de intervenções psicológicas.

A abordagem da temática referente ao processo de adoção abrange alguns indicativos para estudo, diante dos fatores psicológicos que envolvem o processo – preconceito, fantasias, ansiedades e medos - os motivos que as pessoas recorrem ao processo de adoção e as expectativas dos casais.

Segundo Freire (1994) "a adoção é um processo de inserção no ambiente familiar, de forma definitiva, de uma criança cujos pais morreram, são desconhecidos, não podem ou não querem assumir o desempenho de suas funções ou foram considerados inaptos pela autoridade competente.".

A temática adoção não envolve somente a resolução dos problemas sociais, mas fornece aos indivíduos o direito de todo ser humano ter uma expectativa de futuro em família, sendo biológica ou adotiva. No Brasil, até pouco tempo não existiam pesquisas científicas sobre a adoção, e isto contribui para a generalização de casos dramáticos e a formação de preconceitos e estereótipos (Weber, 1999).

No Brasil, a legislação sobre adoção começou a ser estruturada no século XX, pois neste período a psicologia estudava o desenvolvimento infantil, focalizando a importância deste período para a criação da identidade do sujeito.

Conforme Solon (2008) descreve:

> A adoção começou a ter uma importância diante das guerras mundiais, pois neste contexto aumentava o número de órfãos, estudos sobre crianças institucionalizadas e o desenvolvimento biopsicossocial. A partir disto, a adoção passou a ser vista como uma forma de suprir a ausência da mãe e a família era necessária para que fosse evitado o surgimento de psicopatologias.

Nos dias atuais os casais recorrem à adoção por diversos motivos, sendo eles os seguintes: a esterilidade de um ou ambos os pais, o desejo ter filhos, o medo de passar pelo processo da gestação, pela opção de escolha diante: sexo, raça, idade. (LEVINZON, 2004).

A adoção dentro de seu viés processual apresentará ao possível candidato uma rigorosidade nos trânsmites legais bem com os possíveis desgastes emocionais e expectativas. O processo para o cadastro da adoção ocorre da seguinte maneira segundo Costa e Campos (2003): a família fará a inscrição apresentando suas características desejadas na criança, como: cor, sexo, altura, idade, cor dos olhos. Podendo gerar um maior tempo de espera na fila de adoção. Após este processo, é realizada a apresentação da família com a criança sendo supervisionada por um técnico do setor de Adoção. O Juiz irá deferir a guarda provisória e determinar que seja feito um novo estudo psicossocial, avaliando a adaptação e aceitação da criança pela família durante o estágio de convivência, que procederá a adoção.

Quando a escolha pela adoção é realizada por um casal é imprescindível avaliar sua posição na relação diante desta decisão, pois segundo Hamad (2002) em muitos casos há diferença entre o casal diante da opção pela criança. Muitas vezes, o homem concorda com a adoção por amor ou bondade. Sendo que a mulher torna-se mais emotiva neste processo, desejando dar ao seu marido um filho que não pode ter biologicamente.

Em função das diferenças apresentadas através da figura masculina e feminina: Quais as expectativas da adoção para o casal? Existem expectativas diferenciadas nos casais na fila de espera na Comarca de Rio do Sul? Como os casais lidam com essas diferenças? Essas diferenças influenciam no processo da adoção?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Diferenciar as expectativas dos casais no processo de adoção.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a) Caracterizar o processo de adoção;

b) Analisar a diferença das expectativas dos casais que estão na fila de espera da adoção;
c) Descrever as diferentes expectativas encontradas entre os casais no processo de adoção.
d) Identificar população da fila de adoção.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 HISTÓRIA DA ADOÇÃO

A palavra adotar vem do latim *adoptare*, que significa escolher, perfilhar, dar o seu nome a. Conforme Chaves (1980) do ponto de vista jurídico, a adoção é um procedimento legal e consiste em transferir todos os direitos e deveres de pais biológicos para uma família substituta, conferindo para crianças/adolescentes todos os direitos e deveres de filho e somente quando forem esgotados todos os recursos para que a convivência com a família original seja mantida.

A adoção é uma prática que vem sendo realizada desde a antiguidade. A história nos mostra que esta prática está intimamente ligada aos padrões culturais de cada época e de cada sociedade. Nos séculos XVII e XVIII a prática de entregar as crianças recém nascidas as amas de leite, propagou nas camadas sociais. As mulheres de classes sociais baixas, o filho tornava-se um estorvo pois precisam trabalhar para sobreviver, sendo assim, a alternativa que consideravam mais relevante seria entregar os filhos aos cuidados das amas. Em muitos casos as crianças eram abandonadas pelos cuidadores das amas em asilos e outras chegando a óbito. Conforme Badinter (1985) “no ultimo terço do século XVIII morreram, antes de um ano, mais de 90% das crianças abandonadas no Asilo Rouen, 84% em Paris e 50% em Marselha”.

Segundo Badiner (1985), “em meados do século XVIII, Chamousset ficou conhecido por suas ideias na adoção para a utilização das crianças abandonas por motivos econômicos. As aldeias que se encarregassem de manter oito crianças tinham privilégios

econômicos e militares.” O filósofo Jean Jacques Rousseau, exerceu um papel fundamental na sociedade em relação às obrigações e relacionamentos familiares que protegiam as crianças. (WEBER E KOSSOBUDZKI, 1966).

Porém, sob olhos da Lei, a criança somente foi considerada “pessoa” na segunda metade do século XX. O emergente status de pessoa considerado à criança tem sido o mais significativo e tem proporcionado justificativa para os direitos a proteção e autodeterminação. (HART, 1991).

No Brasil o dever de proporcionar condições de vida digna às crianças foi concretizado em 1902, com a reformulação das leis que regiam o serviço de policia do Distrito Federal, passando a obrigar o recolhimento às colônias correcionais, além de infratores, viciados e vagabundos, os menores abandonados por orfandade, enfermidade ou negligencia dos pais. Em 1921, uma modificação no Código Civil foi realizada através da promulgação da Lei N°4242, que já tratava de maneira legal a questão da criança abandonada, inclusive na tentativa de definir quem é essa criança, e em que circunstância poderia haver suspensão ou perda do pátrio poder dos pais ou a destituição da tutela. (RUSSO, 1985)

A prática da adoção sempre existiu nos países de direito romano que estabeleceram suas bases legais na ideia de filiação conferida por um certificado aos pais adotivos, que anulava a filiação biológica e garantia, através do adotado, a transmissão do nome da família. Principalmente as famílias mais nobres eram atendidas nesse processo com exclusividade, pois precisavam garantir a descendência de seus patrimônios e de sua linhagem. Outras adoções eram feitas, então, através de contratos amigáveis entre as famílias naturais e adotivas. (MALDONADO,1998)

O procedimento da adoção foi se desenvolvendo de acordo com a necessidade cultural de cada período. Segundo (NETO, 1976):

> A cultura é a forma de vivência de um povo, a maneira de sentir, pensar, agir e crer, transmitida de geração para geração, logo, a cultura é toda realização do homem. A cultura não é congênita, é adquirida por tradições legadas através da educação formal e informal. A cultura é produto da atividade mental, da atividade externa, da linguagem, dos gestos e das atividades dos indivíduos.

A adoção era um recurso de continuidade da família quando não era possível ter filhos biológicos. Durante essa trajetória é possível perceber que em muitas legislações era requisito que a adoção ocorresse apenas na falta de filhos biológicos, e sendo permitida apenas para crianças pequenas, conforme no Código Civil brasileiro de 1965 citado por Lisboa (1996) apud Sampaio (2003), "a legitimação podia ser requerida por casais cujo matrimônio perdurasse a mais de cinco anos, desde que não tivessem filhos legítimos, legitimados ou reconhecidos (...) só eram beneficiados pela legitimação adotiva os menores de sete anos de idade (...)."

Crianças e adolescentes, com mais de sete anos, não eram legalmente alvo de possíveis adoções, sendo muitas vezes encaminhado para orfanatos e consequentemente esquecidos pela sociedade. Devido a estas condições começaram a serem questionadas pela sociedade brasileira, através de movimentos sociais, representantes de classes de profissionais, juristas e de outras organizações em busca por direitos à infância e à juventude brasileira. (PURETZ E LUIZ, 2007).

2.2 ESTATUTO DA CRIANÇA E A NOVA LEI DA ADOÇÃO

Em 13 de julho de 1990, passou a vigorar o Estatuto da Criança e do Adolescente, sob a Lei nº 8.069, o qual reordena a concepção dos direitos das crianças e adolescentes. O Estatuto da Criança e do Adolescente veio para regulamentar e proteger os interesses das crianças e adolescentes, regulando a adoção dos menores de 18 anos, inclusive prevendo os direitos sucessórios dos mesmos, somente a adoção dos maiores de idade, que possuíam diferenciação nos direitos sucessórios em face dos filhos naturais e/ou menores adotados. (LEI 12.010, 2009).

A proteção integral e o sistema de garantia de direitos das crianças e adolescentes, prevista no ECA, coloca-se a partir da afirmação dos direitos fundamentais, bem como os direitos individuais e coletivos. A criança e o adolescente passam então a ser sujeitos de direitos. (COSTA E MANDALOZZO, 2004). Encontramos como direitos à crianças e adolescentes, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à liberdade, o respeito e à dignidade, à

convivência familiar e comunitária, à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer, à profissionalização e proteção ao trabalho.

O Estatuto da Criança e do Adolescente regulariza os direitos fundamentais e deveres à criança e ao adolescente, bem como normatiza a função dos órgãos responsáveis pelo atendimento destes sujeitos e aos demais procedimentos. (PURETZ E LUIZ, 2007).

No ECA, a adoção é apresentada como uma das formas de garantir a convivência familiar quando se esgotam as possibilidades de crianças e adolescentes se manterem na família biológica. Segundo Camargo (2006):

> Os motivos que levam as pessoas a adotar são, na maioria das vezes, suas próprias satisfações, é na adoção que os pretendentes realizam suas aspirações e desejos de viver a maternidade e a paternidade. Os casais adotam crianças: (...) as famílias que perderam um filho e buscam através da adoção, preencher o espaço vazio que a perda fez existir; casais que construíram um conjunto de bens sem ter quem dele desfrute e dê continuidade (...) a resolução de conflitos e a realização do projeto de vida a dois (...) casais que desejam poder escolher o sexo do bebê, etc. Nestes casos, a criança é a solução para os problemas, anseios e expectativas dos adotantes.

Segundo, Pillotti (1988) "enquanto na adoção clássica procurava-se garantir a descendência para casais sem filhos, à adoção moderna enfatiza a solução para a crise da criança abandonada usando como fundamento: possibilitar uma família para uma criança que não a tem".

Para as crianças que já se encontram afastadas das famílias de origem, em casas de acolhimento e instituições de abrigo, essa lei determina que avaliações periódicas sejam realizadas a cada seis meses para que seja verificada a possibilidade de reintegração familiar ou colocação em família substituta. Além disso, nenhuma criança ou adolescente deverá permanecer institucionalizado por mais de dois anos, salvo comprovada necessidade. Essas determinações influenciarão e promoverão os processos de adoção, visto que objetivam promover a garantia do direito à convivência familiar e comunitária. (LEVINZON, 2004)

Por intermédio da Lei nº 12.010, de 03 de agosto de 2009, a chamada "Lei Nacional de Adoção", que promoveu modificações de 54 (cinqüenta e quatro) artigos da Lei nº 8.069/90 (estatuto da criança e do adolescente), trouxe como objetivo aperfeiçoar os trâmites legais da adoção, o direito das crianças e adolescentes à convivência familiar, dessa forma

fortalecendo e preservando a família de origem e evitando ao máximo o abrigamento dos adotados. (LEI 12.010/09).

Logo no início da utilização da Lei, a adoção tinha como objetivo satisfazer casais estéreis, depois passou a ser uma instituição de herdeiro e nos dias atuais é vista como um instituto de solidariedade, pois auxilia os menores órfãos oferecendo uma família e um lar. (ERNST, 2011).

A Lei relativa à adoção sempre foi conhecida por ser burocrática, fazendo com que o processo fosse lento, impedindo crianças órfãs de serem adotadas e terem uma família mais rapidamente. Entretanto, o estatuto tem sofrido várias mudanças ao longo dos tempos. A essência da Lei nº 8.069/90 não foi alterada, as novas regras apenas deram uma ênfase maior à questão dos princípios que devem ser levados em conta quando da aplicação das medidas de proteção, os deveres dos órgãos e autoridades públicas encarregadas de assegurar o efetivo exercício do direito à convivência familiar para todas as crianças e adolescentes. (LEI 12.010/09).

A Lei 12.010/09 é voltada para a criança vítima de abuso e de negligência, necessitada de uma família rapidamente para receber cuidado, é uma lei que trata especificamente da criança institucionalizada, e dos direitos dela como indivíduo, e não tão somente como objeto de família. Garante o direito a uma família que cuide dela. (GALDINO, 2010).

Em que pese sua denominação, a nova Lei dispõe não apenas sobre a adoção, mas sim, como evidenciado já em seu artigo 1º, procura aperfeiçoar a sistemática prevista na Lei nº 8.069/90 para garantia do direito à convivência familiar, em suas mais variadas formas, a todas as crianças e adolescentes. (DIGIÁCOMO, 2009).

Veio suprir lacunas que transgrediam o bom senso e tornava o ato de adotar um processo penoso e que demandava muito tempo para sua efetividade, designar um lar para crianças e adolescentes que não tinham uma residência fixa, uma família, um lar. A lei aprovada prevê ainda que a situação de meninos e meninas que estejam em instituições públicas ou famílias acolhedoras seja reavaliada a cada seis meses (LEI Nº 12.010).

As novas regras relativas à adoção surgem num contexto mais amplo, procurando enfatizar a excepcionalidade da permanência da criança ou do adolescente em sua família de

origem ou de outras formas de acolhimento familiar que não importem no rompimento dos vínculos com sua família natural. Procura acabar com práticas arbitrárias ainda hoje verificadas, como o afastamento da criança ou adolescente de sua família de origem por simples decisão (administrativa) do Conselho Tutelar ou em sede de procedimento judicial inominado, ou seja, que não foram descritas pelo legislador em lei, mas a lei admite a sua aplicação (DIGIÁCOMO, 2009).

A Lei nº 12.010/2009 se constitui em um instrumento que pode ser utilizado para mudança de concepção e também de prática por parte das entidades de acolhimento institucional e órgãos públicos responsáveis pela defesa dos direitos infanto-juvenis, promovendo assim a transformação da vida e do destino de tantas crianças e adolescentes que hoje se encontram privados do direito à convivência familiar em todo o Brasil. (DIGIÁCOMO, 2009).

A Lei relativa à adoção sempre foi conhecida por ser extremamente burocrática, fazendo com que o processo fosse lento, impedindo crianças órfãs de serem adotadas e terem uma família mais rapidamente. Entretanto, o instituto tem sofrido várias mudanças ao longo dos tempos. Logo no início de sua utilização, a adoção tinha como função primordial satisfazer casais estéreis, depois passou a ser uma instituição de herdeiro e hoje é tida como um instituto de solidariedade, para ajudar principalmente os menores órfãos, proporcionando um lar e uma família para eles, em que o adotado equipara-se ao filho legítimo (ERNST, 2011).

A Lei 12.010/09 trouxe em suas normas a realização de curso para os adotantes, o acompanhamento psicológico para mães e gestantes que queiram entregar seus filhos para a adoção, a elaboração de um cadastro nacional, tanto para os menores quanto para os adotantes, e a redução do tempo de permanência de menores em abrigos, limitado há dois anos. (LEI 12.010/09).

2.3 DIFERENÇA DE GÊNERO

A família adotiva é instituída a partir do encontro de dois sofrimentos: a perda dos laços primários de uma criança e a desilusão de um casal diante da esterilidade biológica. A

partir disso, a adoção tem dupla finalidade: fornecer uma família para a criança com um ambiente satisfatório para seu desenvolvimento e possibilitando aos pais o exercício de paternidade que recorrem à adoção por diversos motivos. (SCHETTINI, ARMAZONAS, DIAS, 2006).

As formulações psicanalíticas abordam a diferença do desejo do filho entre homem e mulher, alegando ser uma dinâmica inconsciente do individuo em virtude de suas diferentes posições no conflito de Édipo. Segundo Freud (1976) " para a mulher a chegada do filho vem ocupar um lugar que estava vazio no seu imaginário, vem preencher uma falta." Quando a mulher consegue tornar-se mãe, evidencia a realização de um desejo infantil. Já para o homem, segundo Hamad (2002) "projeta no filho a sua continuação da linhagem e do patrimônio genético. A virilidade do homem é confirmada pela fertilidade, ou seja, pela procriação." Culturalmente, a gravidez feminina confirma a potência masculina, o que significa que o homem se sente cobrado socialmente a provar sua masculinidade.

Trindade (1999) referiu-se a um estudo por ela realizado no inicio dos anos 90 com homens e mulheres que apresentavam problemas na área reprodutiva, afirmando que, para os homens, a não gestão de um filho não chega a comprometer seu autoconceito, visto não se perceberem como responsáveis pelos problemas – uma vez que atribuem a responsabilidade à mulher ou a fatores outros independentes deles. Nas mulheres, por outro lado, a não geração de filhos está relacionada à sua completude, o que significa dizer que, para ser completa, ela precisa ser mãe.

Ao longo da vida, o ser humano passa por várias vivências e situações que influenciam no seu desenvolvimento, formando uma visão de mundo. Nas relações de gênero não estão em foco às diferenças biológicas presentes em cada sexo, mas a valorização social, o que se pensa e se diz sobre as diferenças, ou seja, o que vai ser construído como pertence ao feminino e ao masculino. Assim, comportamentos que consideramos como masculinos ou femininos, são aprendidos na vida social, adquiridos ao longo da vida em uma determinada cultura. (BRAGA, 2005)

Segundo Nogueira (2001), no pensamento grego, que influenciou a cultura ocidental, o homem é o criador da ordem e da lei, enquanto a mulher está associada ao desejo e à desordem, um ser inferior pela sua natureza. Na medida em que homens e mulheres não estão proporcionalmente representados em papéis sociais específicos, adquirem diferentes

competências e crenças que afetam o seu comportamento social – divisão do trabalho entre os sexos.

Os processos relacionados com o gênero influenciam o comportamento, os pensamentos e os sentimentos dos indivíduos, afetam as interações sociais e ajudam a determinar a estrutura das instituições sociais (CRAWFORD, 1995). Como são criadas diferentes narrativas a cerca de gênero, envolve-se assim, a construção de masculino e feminino como diferentes distinções sociais.

Conforme os autores Hare-Mustin e Mareck, "o gênero é uma invenção das sociedades humanas, uma "peça de imaginação" com facetas multifacetadas, tais como construir adultos, homens e mulheres desde a infância, construir os "arranjos sociais" que sustentam as diferenças nas consciências de homens e mulheres."

Reforçando a ideia de gênero como uma construção social com origens nas identidades subjetivas de homens e mulheres, Joan Scott (1995) traz o conceito de gênero como "um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder".

Segundo Keshavjee e Amâncio (1993):

> A objetivação do masculino e feminino em entidades ontologicamente diferentes, é portanto, regulada por uma assimetria que atravessa todos os processos sócio-cognitivos que participam para essa construção do "ser" homem e do "ser" mulher. Munidos desse "saber", os indivíduos orientam a sua percepção dos atores homens e mulheres nas interações do quotidiano, de forma enviesada. Uma vez que a atenção dedicada ao comportamento das mulheres não é orientada pelo reconhecimento da sua diferença, enquanto indivíduos, mas sim pela atuação dos limites dessa diferença, enquanto condição coletiva, ou destino.

2.4 AS EXPECTATIVAS DO CASAL NA FILA DE ESPERA PARA ADOÇÃO

O período de espera é uma fase de transição para a parentalidade, na qual os indivíduos não são nem pais e não são "pais em espera" como ocorre na gravidez. Nesse período de espera os candidatos não têm ainda o que comemorar os sinais positivos de que

eles realmente serão pais de uma criança. Os candidatos à adoção, os familiares não tem definidos papéis para acompanhar e apoiar essa fase de transição para a parentalidade. Além do mais, essa transição típica ocorre em um contexto de perdas e privações associadas com a infertilidade e com o desejo de uma criança. (BRODZINSKY E SCHECHTE, 1990).

A espera pelo filho adotivo é longa e difícil em muitos casos. Ainda que os candidatos saibam que estão em uma lista oficial de espera e que serão chamados assim que a criança estiver disponível à adoção, a sensação de muitos candidatos é de que nada está acontecendo (REPPOLD et al., 2005). O relato dos candidatos à adoção revela fantasias e receio de serem passados para trás ou esquecidos. Esse aspecto ressalta a importância de disponibilizar acompanhamento e apoio durante esta espera (REPPOLD et al., 2005).

Aceitar a condição de pais adotivos implica elaborar uma série de fantasias, crenças, valores, desejos e expectativas com relação à parentalidade. Esse processo de elaboração irá refletir na maneira como os futuros pais irão construir seu lugar e encarar sua nova família. Se haverão de tentar reproduzir o modelo de família biológica, por meio de um processo de identificação com a criança, buscando semelhanças físicas e o esquecimento da origem do filho adotivo, ou se outras soluções serão encontradas para inserir a criança no imaginário parental, que permitam a elaboração do luto pelo filho, mas concebido simbolicamente e adotado pelos laços de ternura. (SCORSOLIN-COMIN; AMATO; SANTOS, 2006).

A literatura indica a existência de um fenômeno chamado “gestação adotiva”, vivenciado pelos pais que estão na fila de espera do processo de adoção. Para REPPLOLD (2005) a gestação adotiva “é singular, longa e sutil, por não ocorrerem mudanças no corpo da mulher, não ser visível aos olhos dos outros, é por isso mais simbólica do que uma gravidez biológica, suscitando, em conseqüência dessas peculiaridades, mais angústias e fragilidades”.

Em muitos casos, para que um casal se abra para outras possibilidades de ter um filho adotivo, é necessário o processo de luto da criança que não pode ser gerada no próprio ventre. (HUBER; ZIEGLER; SIQUEIRA, 2010)

O processo de construção da parentalidade para os pais que estão na fila de espera reflete-se na maneira de como vão construir sua nova família. A espera pelo filho adotivo é longa e difícil em muitos casos. Ainda que os candidatos saibam que estão em uma lista oficial de espera e que serão chamados assim que a criança estiver disponível à adoção, a sensação de muitos candidatos é de que nada está acontecendo (REPPOLD et al., 2005).

O momento de idealização do filho e da relação que se dará com ele desencadeia sentimentos ambivalentes e ansiogênicos. Esse período de espera é uma fase de transição para a parentalidade, na qual os indivíduos ainda não são pais, mas também não são pais em espera como ocorre na gravidez. Segundo Weber (2008) "na adoção, é essencial não esquecer a condição peculiar da criança, nem negar ao adotado a história de suas origens." Sendo que, a família adotiva possui uma essência igual à família biológica, porém com características distintas que não devem ser perdidas. Ter o mesmo sangue não garante o amor e a boa relação entre os indivíduos de uma mesma família, esses laços são construídos na relação, na convivência e na disposição de todos os envolvidos nessa família.

Segundo Maldonado 2001, "a adoção deve ser encarada como uma adoção recíproca, no sentido de mútua constituição". Sendo preciso assim, uma verdadeira doação de dedicação e sentimentos para que o futuro seja marcado por boas relações, com mútua construção de sonhos e compartilhamento das possíveis frustrações a serem vivenciadas.

2.5 O PAPEL DO PSICÓLOGO NO PROCESSO DE ADOÇÃO

Os casais que decidiram entrar no processo de adoção, com o intuito de formar uma família ou dar uma família para criança institucionalizada é necessário que estejam preparados psicologicamente para está mudança em suas vidas. Tornando necessário o suporte de um psicólogo durante este processo transformador na vida do individuo que decide adotar.

Um marco importante do psicólogo é na fase que antecede o processo de adoção. Essa etapa é bastante ansiogênica, segundo Schettini (2006), "os casais presentes na fila de espera com o auxilio do psicólogo devem assimilar, integrar e elaborar as especificidades do processo adotivo." Quando o casal vem com a problemática anterior de perdas decorrentes a esterilidade, o papel do psicólogo é trabalhar uma elaboração e um entendimento desta perda, para que o casal consiga finalizar esta etapa, para prosseguir inteiramente na adoção e pronto para o acolhimento da criança em seu âmbito familiar.

Este trabalho psicológico visa oferecer uma oportunidade de receber um suporte ao longo do tempo de espera do filho. O psicólogo realiza um preparo com os candidatos à

adoção, como por exemplo, uma reflexão sobre as exigências enquanto as características (física e psicológica) da criança desejada, ampliando as possibilidades de adotantes, trabalhar os medos, mitos, ansiedades, fantasias, incertezas e as expectativas do casal nesse processo, contribuir para prevenção de dificuldades e alívios da ansiedade durante a fila de espera, oferecer um suporte para as mudanças que ocorreram na família com esta nova criança inserida (GODIM, 2008).

A importância da intervenção profissional do psicólogo vem determinada por uma dupla necessidade de prognosticar o êxito e prevenir possíveis disfunções. A adoção é sempre uma situação complexa, pois sua essência consiste em criar um processo segundo o qual se realiza a transição de uma criança da família biológica à família adotiva. Neste processo estão presentes outras tantas variáveis importantes para o desenvolvimento psicológico e social da criança, especialmente como foram vividas e refletidas, tais como abandono, ruptura, institucionalização, etc. (WEBER, 2004).

Ocorre um processo psicoterapêutico nos Grupos de Apoio a Adoção – um espaço privilegiado no sentido de oferecer suporte emocional e também informativo e de orientação de aspectos práticos aos casais pretendentes à adoção - aonde o aprendizado por intermédio do outro é um fator intimamente vinculado à psicoterapia de grupo. De acordo com Bechelli & Santos (2001), "o mecanismo de identificação é o principal aspecto que opera quando se fala no aprendizado por intermédio do outro. O paciente aprende sobre a sua pessoa observando e analisando um conjunto de problemas ou comportamentos semelhantes aos seus – fenômeno do espelho".

Para Guanaes (1999):

> Um fator terapêutico equivalente a esse seria a aprendizagem vicária que ocorre também nos Grupos de Apoio a Adoção, que se daria quando o paciente refere que vivenciou algo importante para si mesmo por meio da observação de outros membros do grupo ou do terapeuta, o que parece estar ligado aos processos de identificação com a experiência terapêutica de outro paciente ou ao reconhecimento de modelos de comportamento do terapeuta ou de outros componentes do grupo que se deseja imitar. O inverso também é possível, na medida em que podem ser percebidas algumas atitudes ou comportamentos considerados negativos ou indesejáveis em outros integrantes, os quais não se desejam reproduzir na situação terapêutica ou adotar na vida cotidiana.

A intervenção do psicólogo no processo de adoção até a chegada da criança auxiliará para desmistificar medos e crenças ocorridos durante o processo, uma vez que envolve a família e consequentemente toda a sociedade. Um trabalho de orientação para os pais implica também em um melhor desenvolvimento para com a criança, que por sua vez é preciso que os pais se envolvam na educação, respondendo às necessidades que a criança tem de atenção, incentivo, auxílio, diálogo, bem como supervisionar e monitorar os comportamentos do filho, exigindo regras e limites. A intervenção com pais, como o treinamento, por exemplo, pode acarretar em grande benefício para as famílias: melhoria nas atividades parentais e aumento da coesão familiar (REPPOLD et al., 2002).

3. METODOLOGIA

3.1 MODALIDADE DE PESQUISA

Os dados desta pesquisa foram levantados a partir de pesquisa de caráter qualitativo. Sendo o tipo de pesquisa que descreve a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisando a interação de certas variáveis, compreendendo e classificando processos dinâmicos experimentados por grupos sociais. (FÁVERI; BLOGOSLAWSKI; FACHINI, 2009).

3.2 LOCAL

Esta pesquisa foi desenvolvida na cidade de Rio do Sul, onde se fez um primeiro contato por meio do Fórum da Comarca de Rio do Sul no intuito de agendar as entrevistas e identificar os participantes.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

A amostra da presente pesquisa foi composta por cinco casais que encontram-se devidamente cadastrados na fila de espera do processo de adoção do Fórum da Comarca de Rio do Sul. Sendo este grupo nomeado Grupo de Adoção.

3.4 INTRUMENTOS

Para a realização da presente pesquisa utilizaram-se os seguintes instrumentos:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: documento assinado pelos entrevistados declarando que concordam em participar da pesquisa e permitindo a utilização dos dados para os fins propostos. (ANEXO).

Entrevista semi-estruturada: contendo questões abertas e fechadas, no intuito de identificar o perfil sócio-demográfico do participante, bem como avaliar sua percepção psicológica diante de determinadas variáveis. (APÊNDICE).

3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Nesta pesquisa os dados coletados foram através de casais que se encontram na fila de adoção do Fórum da Comarca de Rio do Sul. Através da psicóloga forense foi realizado o contato com os casais explicando e convidando para participarem da pesquisa, onde logo após as pesquisadoras agendaram um local de acordo com os casais e horário para realização da entrevista. Esse procedimento foi devido à necessidade do processo de segredo de justiça que tais pessoas possuem enquanto direito judicial. Para obter sucesso na coleta dos dados foi feito uso de gravador. A entrevista foi realizada individualmente para que tenhamos os dados sobre a diferença das expectativas sobre a adoção entre o casal.

3.6 ASPECTOS ÉTICOS

Primeiramente foi apresentado o projeto ao Comitê de Ética da Universidade Unidavi - Desenvolvimento do Alto vale Itajaí para validar a pesquisa, conforme determina a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e à Resolução nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia no que se referem os estudos que envolvam seres humanos.

Antes de cada entrevista foi realizada a leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE e, após a aprovação deste, foram recolhidos os termos com as assinaturas dos participantes, deixando claro aos mesmos que seria mantido o sigilo e que os resultados seriam utilizados somente para efeitos deste estudo acadêmico.

3.7 ANÁLISE DE DADOS

O conteúdo foi transcrito na integra, sendo dividido em categoria de análise e consecutivamente analisados.

"A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação." (BARDIN, 1977, p. 19)

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com o propósito de atingir os objetivos do estudo, a seguir serão apresentados os resultados e a discussão dos dados obtidos na pesquisa.

Há de se considerar que frente às entrevistas realizadas, podem-se delimitar estes resultados em seis categorias, e suas subcategorias conforme descrito a seguir:

CATEGORIAS	**SUBCATEGORIAS**
	1.1: Sexo 1.2 Estado civil

1: PERFIL DO ENTREVISTADO	1.3 Orientação religiosa 1.4 Escolaridade
2: PERCEPÇÃO SOBRE ADOÇÃO	2.1 O que você pensa sobre adoção ? 2.2 Caracteriza adoção através de uma frase.
3: SOBRE A DECISÃO DE ADOTAR	3.1 Você tem filhos biológicos? 3.2 O que levou você a optar pela adoção?
4: EXPECTATIVAS SOBRE ADOÇÃO	4.1 Há quanto tempo você esta na fila de espera da adoção? E como se sente durante este período? 4.2 Dentre as possibilidades apresentadas aos casais, qual o perfil da criança que você espera? Porque? 4.3 O que você espera da relação futura com seu filho?
5. PERCEPÇÃO A CERCA DO APORTE SOCIAL VINCULADO AO ATO DE ADOTAR	5.1 Como você observa o grupo de apoio a adoção? 5.2 De que forma sua família de origem visualiza seu incentivo em adotar uma criança ou adolescente?
6. PERCEPÇÃO DO CONJUGÊ FRENTE A ADOÇÃO	6.1 Qual sua observação a respeito das expectativas frente a adoção por parte de seu cônjuge?

Conforme apresentado no quadro acima, a seguir será descrito os objetivos e os resultados através de cada categoria, ressaltando que para manter-se o sigilo dos entrevistados, estes serão denominados apenas como: S1; S2 e assim sucessivamente até o S10.

4.2 CATEGORIA 1: PERFIL SÓCIODEMOGRÁFICO DO ENTREVISTADO

Nesta categoria pretendeu-se identificar o perfil sócio-econômico dos casais que estão na fila de espera da adoção, compondo-se de: sexo; idade; escolaridade; religião e, estado civil.

Considerando-se que os resultados dessa categoria permitiram a quantificação, estes são apresentados em tabelas e gráficos.

4.1.1 Subcategoria 1.1: Sexo

Tabela 1 - Sexo

Alternativa	**N. cit.**	**Freq.**
Masculino	5	50%
Feminino	5	50%
TOTAL OBS.	**10**	**100%**

Fonte: coleta e análise dos dados organizadas pelas autoras

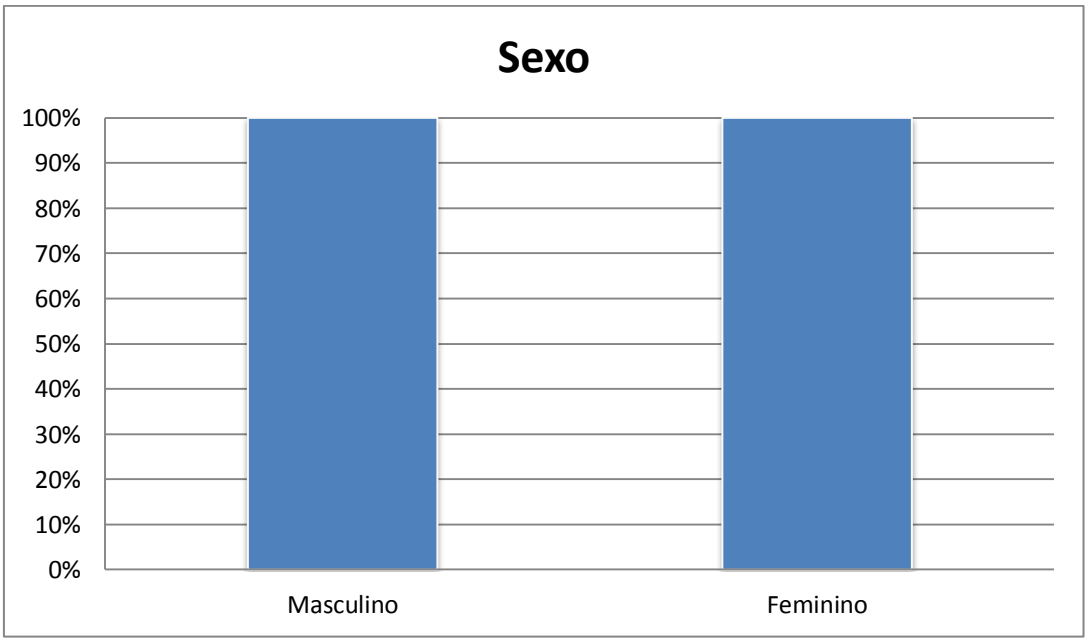

Gráfico 1 - Sexo

Fonte: coleta e análise dos dados organizados pelas autoras

Em relação ao sexo verifica-se que dos entrevistados divide-se em 50% Masculino e 50% Feminino.

4.1.2 Subcategoria 1.2: idade

Tabela 2 - Idade

Alternativa	N. cit.	Freq.
De 20 a 30 anos	4	40%
De 30 a 40 anos	4	40%
De 40 a 50 anos	2	20%
TOTAL OBS.	**10**	**100%**

Fonte: coleta e análise dos dados organizadas pelas autoras

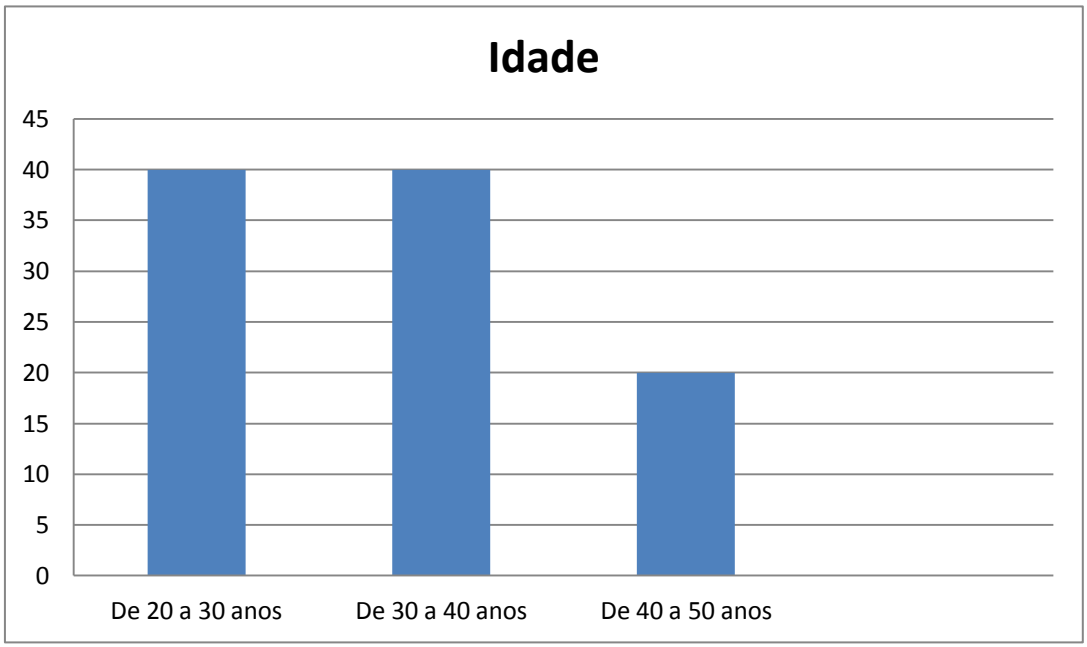

Gráfico 2 - Idade

Fonte: coleta e análise dos dados organizados pelas autoras

Os resultados demonstram que a maioria dos sujeitos entrevistados apresenta uma faixa etária equivalente entre 20 a 30 anos com 40% e 30 a 40 anos também 40%. Apresentando apenas 20 % sujeitos com 40 a 50 anos.

4.1.3 Subcategoria 1.3: escolaridade

Tabela 3 - Escolaridade

Alternativa	**N. cit.**	**Freq.**
Ensino Fundamental Incompleto	1	10%
Ensino Médio	7	70%
Pós- Graduado	1	10%
Doutorando	1	10%
TOTAL OBS.	**10**	**100%**

Fonte: coleta e análise dos dados organizadas pelas autoras

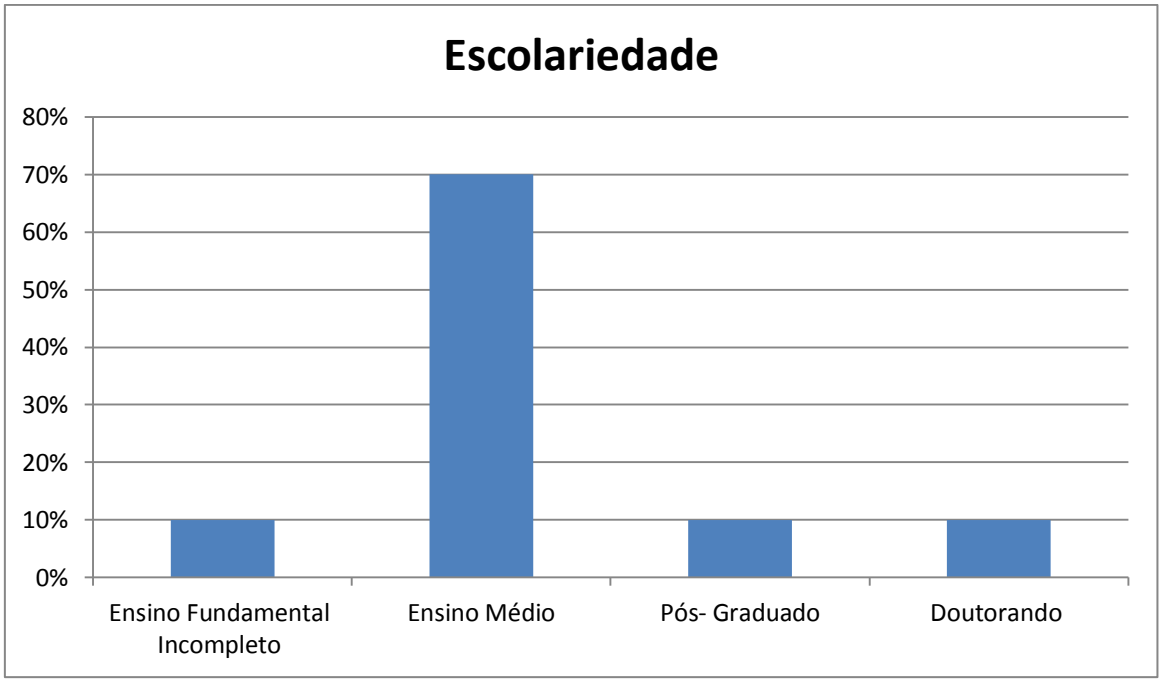

Gráfico 3 - Escolaridade

Fonte: coleta e análise dos dados organizados pelas autoras

Em relação ao nível de escolaridade verifica-se que dos entrevistados 10% possui apenas o Ensino Fundamental Incompleto, seguido 10% que afirmou ser Pós-Graduando e 10% Doutorando. Porém observando a abrangência de 70% com o Ensino Médio Completo.

4.1.4 Subcategoria 1.4: religião

Tabela 4 - Religião

Alternativa	**N. cit.**	**Freq.**
Católica	8	80%
Evangélica	1	10%
Prostestante	1	10%
TOTAL OBS.	**10**	**100%**

Fonte: coleta e análise dos dados organizadas pelas autoras

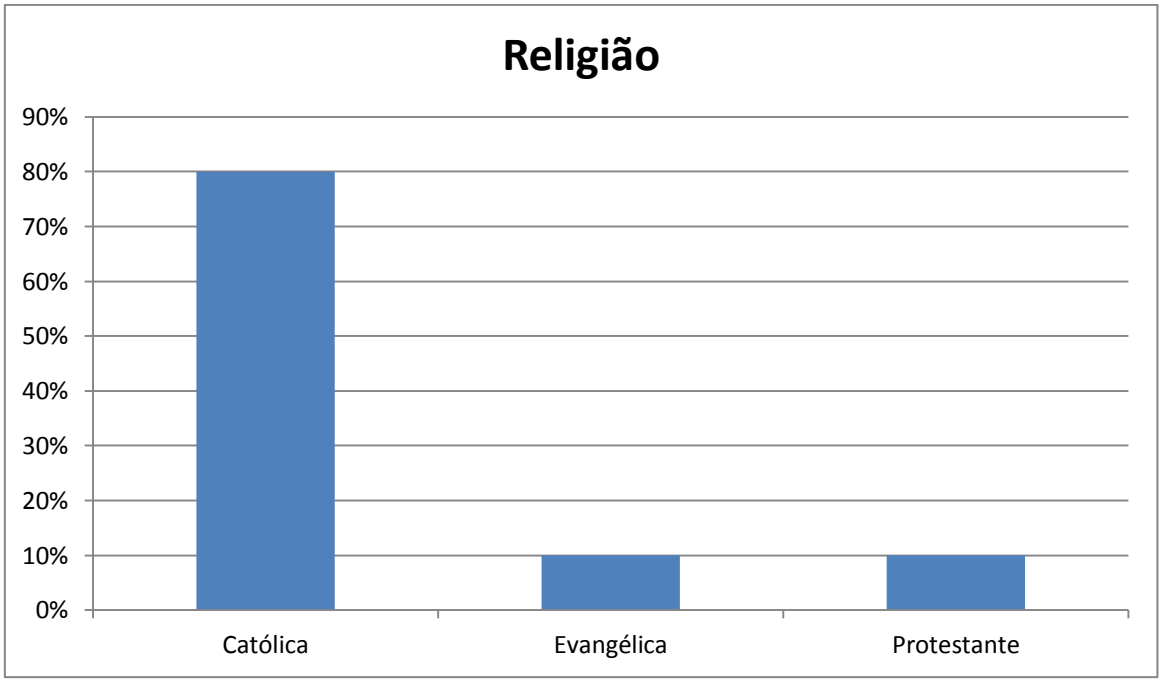

Gráfico 4 - Religião

Fonte: coleta e análise dos dados organizados pelas autoras

Observam-se nos entrevistas que 80% são seguidores da religião Católica, 10% Evangélica e 10% Protestante.

4.1.5 Subcategoria 1.5: estado civil

Tabela 5 - Estado Civil

Alternativa	**N. cit.**	**Freq.**
Casado (a)	8	80%
União Homoafetiva	2	20%
TOTAL OBS.	**10**	**100%**

Fonte: coleta e análise dos dados organizadas pelas autoras

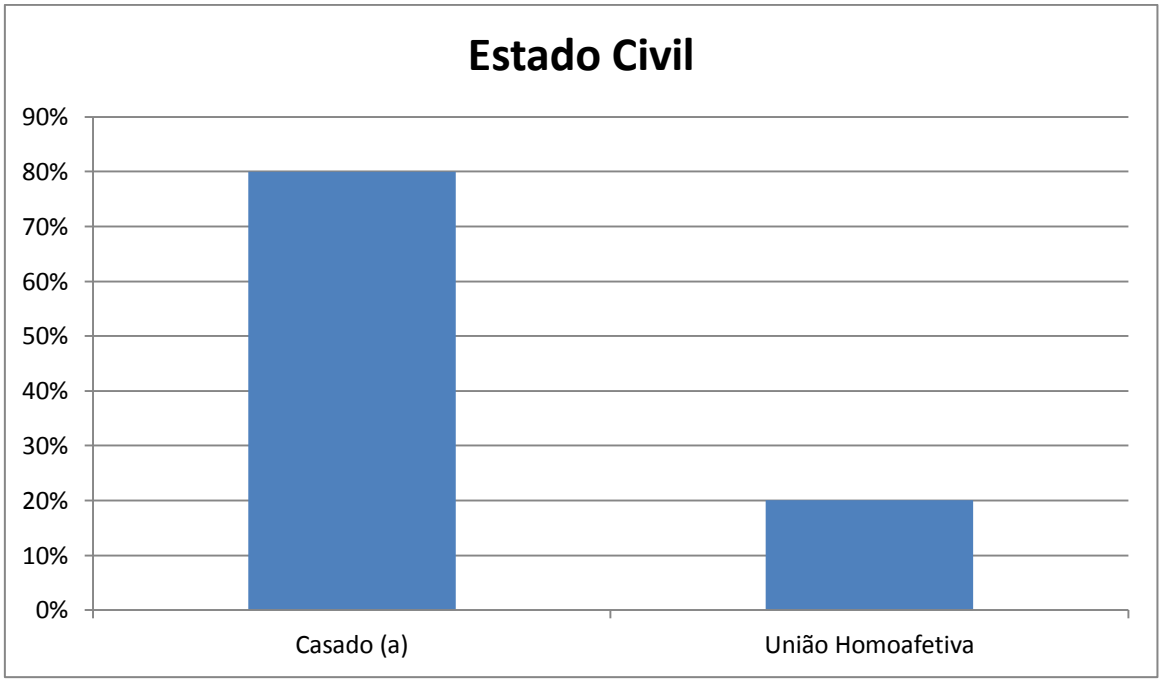

Gráfico 5 – Estado Civil

Fonte: coleta e análise dos dados organizados pelas autoras

Em relação ao Estado Civil verifica-se que 80% dos entrevistados são casados e 20 % possui uma União Homoafetiva.

Os membros das relações conjugais homoafetivos se autodefinem como famílias e exigem não apenas o direito à cidadania a nível individual, mas também o direito à constituição de famílias enquanto sujeitos sociais e, portanto, responsáveis pela educação e socialização de filhos,quer biológicos, quer adotivos (Mello, 2005.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) preconiza a necessidade de uma avaliação psicossocial favorável do adotante e de uma família que possa oferecer amor e um desenvolvimento saudável à criança.

O ECA (1990) norteia que, no processo de adoção,deve-se considerar como prioridade as reais vantagens para o adotando. Destarte, a adoção, quer por homossexuais, quer por heterossexuais, apresenta-se como uma via real de inclusão e respeito aos direitos da criança e/ou adolescente (Alves, Oliveira, Baroni, Franco & Zacarias, 2007).

4.2 CATEGORIA 2: PERCEPÇÃO SOBRE A ADOÇÃO

Nesta categoria pretende-se identificar a percepção em relação à adoção através de cada entrevistado, onde foram questionados em relação ao pensamento sobre adoção e de que forma poderiam caracterizar a adoção através de uma frase.

4.2.1 Subcategoria 2.1: O que você pensa sobre adoção?

Através dos dados obtidos, nota-se que a ideia central sobre a adoção é a construção familiar. Sendo assim, 80% dos entrevistados apresentam a adoção como a possibilidade da formação de uma família, obtendo junto dessa perceptiva a retirada dessas crianças de ruas e lares e 20% apresentam a adoção como um ato de amor.

Assim, eu penso assim que vai ser muito bom assim né, tanto eu como ele assim, a gente ta na expectativa feliz aguardando feliz pra vir uma criança pra nós. (S1)

Penso que é um gesto bom, bonito, tem que ter amor, carinho com a criança. Porque às vezes já é uma criança abandonada, sofrida. (S2)

Olha, eu penso assim que é uma forma de alegrar a vida de muitos casais né, e ao mesmo tempo de amparar uma criança né, acho uma coisa boa, eu acredito que é uma forma de tirar as crianças dos lares e das ruas né. (S3)

Tudo de bom em relação a criança que estaria fazendo um bem para aquela criança, com toda certeza. E ao mesmo tempo satisfação imensa por ter esse bebe, para complementar minha vida, pois dentro da minha realidade eu não poderia ter uma criança. Foi conversado e foi escolhido assim e foi decidido que seria assim, pois eu poderia ter um filho ou ela poderia ter um filho. Mas a gente decidiu por adoção, pelas duas partes, absolutamente por um consenso. (S4)

Adoção é um ato de amor. (S5)

Adoção pra mim tem que ser de coração, porque se for só por adotar não funciona e como a gente não pode ter filhos tem que ser de coração, senão não da certo. (S6)

Eu acredito que a adoção é que as pessoas querem fazer uma família, não importando se é biológico ou adotivo, mas sim o objetivo é construção de uma família. (S7)

Eu penso que é uma forma de expressão de amor que a gente pode ter. É porque as crianças são a mensagem que a gente deixa para o futuro e a gente precisa independente de função biológica ou não. A gente precisa deixar nosso legado. Então adoção ela é uma proposta de amor". (S8)

Um tempo atrás eu não queria adotar, mas não tive outra opção. Mas para a gente a adoção está sendo tudo, família. (S9)

Meu entendimento assim, o que passa pela minha cabeça, é um casal que não pode ter filho, ou até pode mais quer dar uma vida melhor para uma criança que está precisando. Principalmente aqueles que não podem ter, deveria ter um incentivo maior para aqueles que não podem. É complicado por si só, porque se fala em vidas, daí você vai ter que cuidar de uma pessoa, vai ter que criar como ser da sua família, porque vai ser da sua família. E no meu entendimento por adoção é transmitir o amor que você não poderia transmitir pro teu filho de sangue. (S10)

A adoção, segundo Reppold e Hutz (2003), também pode ser definida como a criação de um relacionamento afiliativo que envolve aspectos jurídicos, sociais e afetivos que a diferenciam da filiação biológica. Weber (2009) afirma que a preparação com os pais é necessária, pois assim os adotantes têm a possibilidade de pensar sobre suas motivações, expectativas, medos, desejos, dentre outros, tomando consciência dos limites de si e dos outros, bem como das responsabilidades inerentes à maternidade/paternidade adotiva. Silva (2013) adoção é para a vida inteira é um ato de amor é estar envolvido de corpo e alma. O medo existe, ele está sempre presente em tudo que vamos fazer, e quando falamos de adoção surge o medo de não ser amado pelo filho, da relação entre ele e a família não ser boa, no entanto quem decide isso possivelmente são os próprios pais, são eles quem vai educar a criança, fazendo que a mesma entenda o quão especial, desejada e esperada ela é para a família toda.

O ato de adotar tem como principal crença na vida dos casais a demonstração de um ato de amor e construção de uma família. A literatura enfatiza a importância da preparação dos pais perante esse processo, para pensar sobre seus medos, ansiedades, desejos e angustias que surgem durante a espera da criança desejada.

4.2.2 Subcategoria 2.2: Caracterize adoção através de uma frase.

Diante os relatos dos entrevistados 60% deles caracterizam a adoção como um ato de amor e 40% dos sujeitos apresentam como a construção de uma família.

Amor, carinho. (S1)

Tem que ter amor, carinho com a criança. Tem que ser uma coisa certa, não ir para o processo com dúvida, tem que ir com certeza para encaminhar. A escolha tem que ser dos dois, do casal para dar certo. Ter alguém para dividir espaço e tempo com a criança. (S2)

É um ato de amor. (S3)

Adoção forma mais completa que pode se existir pra vida, vamos dizer, completar todo ciclo de vida. Fui uma criança, cresci, trabalhei a vida inteira e posso dizer que hoje tenho um filho. (S4)

Adoção pra mim, é como eu falei no começo, é um ato de amor, adotar e ser adotado, porque além de adotar uma criança, você vai ser adotada por ela. Transmitir amor, carinho, paciência, respeito, educação. Sei que tudo na vida tem um fim, só pra morte que não tem solução, o resto da vida a gente da um jeito e se alguém não pode criar o seu filho da pra alguém, porque alguém ta esperando e a espera é dolorosa, a espera é ansiosa, mas eu sei que um dia acaba, um dia chega lá, esperar é difícil, mas a gente com o ato de espera, tu fica ali naquela espera aprende a ter paciência, devoção, fé em Deus e aprende a ser uma outra pessoa, você ve que o mundo não é só teu, o mundo não gira em torno de você, tem muita coisa em volta. (S5)

Adoção é amor, carinho e afeto. (S6)

Adoção através de uma frase, me deixa pensar, acho que é o ato de você, mostrar para as crianças que elas realmente podem ter uma boa família , é, não precisam, ter essa, na cabeça delas, a porque tão me adotando estão me fazendo um favor, não, é pra construir uma família, seria esse aspecto da adoção. (S7)

Uma família plena que se busca transmitir os valores que se tenha um cidadão uma oportunidade de realização da criança quanto dos pais. (S8)

Esperança de construir uma família dos sonhos. Que todo mundo quer ter filhos, família. E é através da adoção que pessoas como eu que não pode ter filhos tem a esperança da construção da família dos sonhos. (S9)

Compartilhar o amor com mais de uma pessoa, não só com a sua esposa. Para você poder disseminar, saber criar, dividir. (S10)

Frente a esses resultados, oportuniza-se discorrer sobre o significado da adoção demonstrado pelos sujeitos entrevistos. Segundo Souza (2000) adoção é um encontro, envolvimento. É construção de uma vida. É a restituição de uma família para uma criança. Família que terá condições de dar-lhe segurança, apoio, educação e proteção. É dar-lhe afeto, carinho e principalmente amor. É ato de acolher uma criança no seio familiar.

Diante dos relatos dos sujeitos, juntamente com a teoria trabalhada pode-se perceber que a adoção é um ato de amor e a construção de uma família. Dos sujeitos entrevistados, 60% dos sujeitos caracterizam a adoção como um ato de amor e 40% dos sujeitos visualizam a mesma como sendo a construção de uma família.

4.3 CATEGORIA 3: SOBRE A DECISÃO DE ADOTAR

Busca-se nessa categoria identificar quais os motivos que levaram os sujeitos entrevistados a buscar a adoção. Se existe influência pela impossibilidade de ter filhos biológicos ou pelo desejo de formar uma família.

4.3.1 Subcategoria 3.1: Você tem filhos biológicos?

Através dos dados obtidos, identifica-se que 90% casais que estão na fila de espera da adoção, não possuem filhos biológicos. E 10% alegou ter filho biológico falecido.

Não. (S1; S2; S3; S4; S5; S6; S7; S9; S10)

Não, tive falecido. (S8)

Segundo Santos (2006) em muitos casos, para que um casal se abra para outras possibilidades de se ter um filho, é necessário o processamento do luto da criança que não pode ser gerada no próprio ventre, e que se pense que, se a via biológica não foi possível, ainda há outras maneiras de ter esse desejo realizado. Segundo Maldonado (2001), a adoção deve ser encarada como uma adoção recíproca, no sentido de mútua constituição. É preciso, mais do que a entrega, uma verdadeira doação de dedicação e sentimentos para que o futuro seja marcado por relações bem-sucedidas, de mútua construção de sonhos e compartilhamento das possíveis frustrações a serem vivenciadas.

Através dos resultados descritos observa-se que 90% dos casais optaram pela adoção pela impossibilidade de terem filhos biológicos e 10% pela perda de filho biológico, onde buscaram através da adoção ter esse desejo realizado. Tal fato vem ao encontro do que nos apresenta a teoria, a busca dos casais pelo preenchimento familiar e a reciprocidade dos sentimentos.

4.3.2 Subcategoria 3.2: O que levou você a optar pela adoção?

Os sujeitos entrevistados concordância pela adoção, o fato da impossibilidade de ter filhos biológicos mostra-se como sendo crucial nesta escolha. Entre os relatos dos sujeitos 60% deles relataram a impossibilidade de terem filhos, , 20% deles por serem homossexuais, 10% dos entrevistados trouxeram a idealização por uma criança, para que não termine a vida sozinho, ou seja, buscando a formação de uma família e 10% deles alegou não concordar com tratamentos para engravidar pelo fato de ser invasivo para a mulher, podendo futuramente prejudicar sua saúde

É que a gente não podia ter então a gente optou porque nos adotarmos crianças né, então a gente optou por adotar pra dar amor e carinho pra ele como se fosse filho biológico da gente né. (S1)

Gostar de criança, não terminar sozinho. (S2)

Olha primeira coisa como a gente é um casal homo sexual, não teria como né, teria sim né, a gente poderia ter relação com um homem, ter filho e tal, só que a gente decidiu, então que não seria legal né, porque assim, se algum dia não der certo entre a gente e o filho vai ficar com a

mãe né então e assim não, foi aceito, o juiz aceitou e vai o nome das duas, as duas vão ser mães e é basicamente isso né. (S3)

Principalmente minha realidade por ser homossexual. (S4)

Não poder ter filhos. (S5)

O fato de não poder ter filhos e também não ficar sozinho né, uma criança sempre é bom. (S6)

Porque assim, a gente sempre teve a intenção de formar uma família né, não importando se fosse adotiva ou biológica e como assim, a gente ta tentando alguns anos para engravidar, mas assim nunca obteve um sucesso, a gente decidiu, vamos adotar, mas não porque a gente não conseguiu, porque eu não posso ter, vamos dizer assim né, mas o objetivo também era adotar depois querendo ou não. Mas ai já antecipando então vai adotar, até porque a gente resolveu adotar não só um até três, então tanto faz, se vier depois também o biológico, tudo bem, mas esse é o objetivo, o objetivo é adotar. (S7)

Eu não concordo com você fazer tratamentos para engravidar que seja invasivo, muito pesados para futuro daqui a 10 a 15 anos possa prejudicar a saúde da mulher. Isso eu não concordo. A gente tentou de uma forma bem leve, com remédio para ovular e tudo mais. E não dando certo esse tratamento a gente aguarda seis a sete anos bem tranqüilos. E a gente coloca que até dezembro do ano passado a gente não tivesse filho, partíamos para adoção. Eu já tenho irmã adotada, tio adotado. Então adoção é bem familiar. (S8)

A gente não pode ter filho. (S9)

Minha esposa não pode ter filho e a gente não quer deixar passar, não passar a idade, acredito que não tem idade para ser pai. Só que para você aproveitar mais a vida. (S10)

Segundo Santos (2000) há muito dor, amargura e revolta. Enfrentam filas e dificuldades para dar amor a uma criança. Podem acolher, oferecer condições favoráveis e acompanhar o desenvolvimento de uma criança enquanto que muitos gestão e não podem criá-los. Muitos filhos naturais passam maus tratos, crueldades e abusos sexuais na sua convivência familiar. O desejo do filho surge como forma especial de dar prolongamento ä sua própria vida. Criar, educar, dar afeto, condições de vida para alguém. Dar segurança, um lar para viver e desenvolver suas potencialidades, capacidades e talentos mediante os estímulos necessários para que tal ocorra.

Diante dos relatos dos sujeitos, o desejo de acompanhar o desenvolvimento da criança, de lhe proporcionar um lar, lhe dar segurança e acima de tudo construir uma família trazem a idealização por uma criança, para que não termine a vida sozinho, ou seja, buscando a formação de uma família através da criação e educação de criança como trás o autor.

4.4 CATEGORIA 4: EXPECTATIVAS SOBRE ADOÇÃO

Nesta categoria pretendeu-se observar as expectativas dos entrevistados diante a adoção, o tempo em que esta na fila de espera e de que forma se sente durante este período, o perfil que o entrevistado solicitou e os motivos que levaram a optar por determinado perfil; e, como espera a relação futura com seu filho.

4.4.1 Subcategoria 4.1: Há quanto tempo você esta na fila de espera da adoção e de que forma se sente durante este período?

Frente a este questionamento, 60% dos entrevistados afirmaram se sentirem muito ansiosos e angustiados durante o período da espera, 40% dos entrevistados estão na fila de espera da adoção há dois anos, 20% dos entrevistados estão na fila de espera da adoção há um ano, 20% estão na fila de espera a três anos, 20% dos entrevistados estão na fila de espera da adoção há três anos e 20% dos entrevistados estão na fila de espera da adoção a um mês. Diante a forma que se sentem nesse período. Sendo que 20% deles se sentem mais tranquilos após terem participado do grupo de apoio à adoção.

Nós estamos desde outubro de 2012, nós estamos na fila e assim, é bastante ansiedade, quando a Kelre liga, ontem até eu perguntei como tava o processo, ela disse que não sabia, mas assim é a gente sabe que é demorado, mas é bom assim, ta legal é bem bom, ta muito bom mesmo. (S1)

Outubro de 2012. Ansioso, esperando pra vê se aparece à criança logo.(S2)

Dois anos, olha, eu já me senti mais angustiada assim sabe, agora eu to mais tranqüila assim, porque a gente quer que venha né, a gente fica esperando dai tem aquela possibilidade tal, e

cada vez que a gente recebe uma ligação dizendo que é a Kelre, já vem na cabeça né, então eu to mais tranquila, a gente sabe que vai demorar, mas logo após que a gente fez o curso, a gente ficou, eu né, fiquei mais apreensiva assim esperando, imaginando, mas agora ta tranqüilo assim, eu sei que uma hora vai vir né. (S3)

Completo curso 21 de Maio de 2011. E daí em Setembro de 2011 ganhamos aval do juiz. Momentos ansiosos e por outro lado expectativa muito grande, felicidade assim e saber que ta vindo, queira sim queira não um dia vai vim, eu penso que um dia vai vim, pode até demorar, mais to ansiosa, não esta no esquecimento. (S4)

Vai fazer 3 anos, me sinto nervosa, ansiosa, tendo me acalmar mas não dá, quando liga que é do fórum agoniada, bem ansiosa assim, mas com boas expectativas, claro né. (S5)

Vai fazer 3 anos que o Juiz liberou. Me sinto mais conformado, bastante ansioso, mas tem que ter paciência, não adianta ter pressa, tem que ter calma. (S6)

O tempo é recente a gente terminou agora este ano, se eu não me engano foi março ou fevereiro que a gente cumpriu o curso, ai em agosto agora a gente recebeu a documentação do Juiz que a gente esta apto já na fila de adoção, então agora a gente está desde agosto na fila né. Referente à forma, toda vez que toca o telefone e é o fórum fica ansiosa né, mas assim ontem quando a Keure me ligou, meu Deus né, mas assim só mesmo neste instante quando alguém do fórum que ta te ligando, se não é bem tranqüilo, porque eles trabalham durante o curso toda essa expectativa né, para não ficar ansiosa e tal. (S7)

Um mês. Tranquilo. “Se puder esperar mais um ano, melhor ainda, para eu terminar meus estudos. (S8)

Entramos fevereiro do ano passado, muito ansiedade. Toda vez que a Kelri liga, fica aquela ansiedade que a qualquer tempo pode ser. (S9)

Dois anos. É bem complicado, de vez em quanto a Kelri liga minha mulher já me liga e ela explica a situação. A gente sabe que é cedo. Nosso prazo é mais longo. Mas bastante ansiedade. (S10).

Para muitos casais a espera pela criança é longa e difícil em muitos casos. Ainda que os candidatos saibam que estão em uma lista oficial de espera e que serão chamados

assim que a criança estiver disponível à adoção, a sensação de muitos candidatos é de que nada está acontecendo (REPPOLD et al., 2005). O relato dos candidatos à adoção revela fantasias e receio de serem passados para trás ou esquecidos. Esse aspecto ressalta a importância de disponibilizar acompanhamento e apoio durante a espera (REPPOLD et al., 2005).

Através dos relatos dos sujeitos, o resultado corroborou 100% com a literatura na questão do sentimento apresentando na fala dos sujeitos entrevistados apresentando: ansiedade, medos, fantasias e sensação que nada está acontecendo durante o processo da espera da criança ou do adolescente. Pode-se observar a variável do tempo que os casais entrevistados estão da fila de espera da adoção entre um mês até três anos, porém todos os sujeitos abordam os mesmos sentimentos durante tempos distintos.

4.4.2 Subcategoria 4.2: Dentre as possibilidades apresentadas aos casais, qual o perfil que você espera? Por quê?

Diante este questionamento identifica-se que 100% entrevistados não optam pelo sexo da criança ou adolescente. Em relação à idade escolhida, 40% dos entrevistados optaram por crianças de 0 a 3 anos, sinalizando o desejo de acompanhar o desenvolvimento de uma criança. 40% dos entrevistados só fizeram a ressalva de doença não curável.

A gente colocou tanto faz menino ou menina, a gente não escolhe, idade de 0 a 3 anos, a cor também não, pode ser morena também, clara ou morena a gente assim não fez a tem que ser só clara né. (S1)

Escolhemos de 0 a 3 anos, tanto faz pode ser moreno, branco, pardo. Nós íamos fazer de 0 a 4, mas pensamos um pouco e fizemos de 0 a 3 anos, porque se é mais pequeno é mais fácil de educar do nosso jeito e curte mais o desenvolvimento da criança. (S2)

De 0 a 3 anos, tanto faz o sexo, tanto faz a cor, único assim é que a gente não aceitou é com doenças não tratáveis né, porque dai seria muito difícil pra gente, então só isso assim, não tem outro empecilho. (S3)

Não ter doença que não seja tratável, não podemos ser hipócritas, se é uma coisa que aconteceu a gente da um jeito, porém temos que trabalhar e cuidar do bebe, fica difícil. 0 a 3 anos. (4)

Idade até 2 anos com irmão ate três e meio, sexo independente, cor, raça, gênero não importa. Não tem motivo nenhum por escolher até 2 anos, mas acho que eu queria mais pequeninho, mas daqui mais pra frente quero um maior. Agora um mais pequeninho pra criar, trocar fraldas, mamadeira, aquilo tudo. (S5)

Se não me engano, até 2 anos, com irmão até 3 anos e meio. Sem nenhuma outra restrição. Não tenho nenhum motivo pela idade, única coisa é se tiver irmãos a gente pega os dois, não tem problema. (S6)

Referente o perfil, hoje existem bem detalhado no cadastro que tipo de criança você procura, eu até acho um pouco ruim, porque parece até que é um produto, porque você vai estar escolhendo, só que como você tem essa opção, você vai optar por um perfil de uma criança que não tenha muito problemas, que seja saudável né, claro que vai ter criança que vai ter algum problema talvez, mas que é tratável, então o nosso perfil hoje que nós escolhemos é que tivesse um plano de saúde, mas que poderia ser tratado. Então, é a cor também a gente optou, retiramos só o negro, porque tem a questão da cultura ainda, querendo ou não existe, questão de racismo né, então o resto assim a gente não optou assim definitivo a cada item né, foram mais essas duas coisas que a gente colocou de perfil. (S7)

0 a 5 anos. 3 irmãos. Meninos ou Meninas. Exceto negros e índios em decorrência da nossa região. Eu fui criado com negros em Blumenau, metade do meu bairro era negro. Eu não tenho problema, minha professora que ensino a ler e escrever era negra. Mas nossa região aqui é muito racista, por conta disso é preferível não ter essa exposição. (S8)

A gente não coloco nenhum perfil, só pediu sem doença não curáveis, sem nenhuma deficiência. A gente optou por não escolher sexo, por ser o primeiro filho. E não importa cor, nada. (S9)

Só não quer criança com doença não curável e no máximo um ano de vida. Motivo por desejar criança de 0 a 1 para poder criar desde criança, do nosso jeito, no nosso estilo de criação. Não vai vim uma criança que vai ter que se adaptar a gente, mas ela se adaptar a gente. Acredito que é mais fácil para gente. (S10)

Diante os relatos acima, Ebrahim (2001) assinala que tem se difundido bastante uma cultura da adoção, em que o objetivo é proporcionar um lar para crianças que não o têm, sem valorizar em demasia características como condição de saúde, cor, gênero e idade da criança ou adolescente a ser adotado.

Weber (1999) registra que ocorrências de adoções tardias, de crianças pardas e negras, e de crianças portadoras de necessidades especiais são escassas no Brasil, embora sejam especialmente necessárias por envolverem crianças e adolescentes estigmatizados como inadotáveis. Segundo Ebrahim (2001b), considera-se uma adoção tardia quando a criança tem idade acima de dois anos. A mesma autora afirma que, em geral, só as crianças com até três anos conseguem colocação em famílias brasileiras, restando às mais velhas uma eventual adoção por estrangeiros ou a permanência nas instituições (Ebrahim, 2001).

Os relatos trazidos pelos entrevistados e a literatura apresentada, demonstra que 100% dos mesmos não optaram pelo sexo da criança ou adolescente, essa escolha pode auxiliar e facilitar o processo da adoção. Em relação características solicitadas, 50% dos entrevistados sinalizaram que não gostariam que a criança tivesse doença não curável, pela dificuldade de criação e cuidado para essa criança, 40% dos entrevistados optaram por crianças de 0 a 3 anos, sinalizando o desejo de acompanhar o desenvolvimento da criança, porém estando cientes que através dessa escolha pode-se levar mais tempo para a vinda da criança. E 10% dos relatos optaram por crianças de 0 a 5 anos, com o desejo de adotar até três irmãos, exceto negros e índios, pois a região é muito racista, por conta disso optaram por não passarem por essa exposição perante a sociedade.

4.4.3 Subcategoria 4.3: o que você espera da relação futura com o seu filho.

As entrevistas apontam que 100% dos entrevistados relatam que esperam que seja da melhor forma possível, através de uma boa educação, com amor e carinho. Utilizando suas vivências e crenças, através dos ensinamentos que seus pais lhes proporcionaram.

A eu assim, espero que seja bom, mas assim vai ser bom porque com o ensinamento que a gente da né e toda assim, a gente pensa em dar tudo de melhor que a gente puder né, mas eu espero assim que vai dar tudo certo. Não tenho medo disso. (S1)

Espero dar uma boa educação, amor, carinho. Para a criança não continuar sendo abandonada, maltratada. (S2)

A eu espero tudo de bom né, espero que ele possa me entender né, a minha opção sexual e os outros defeitos todos que a gente tem né, e que eu possa também compreende-lo se ele não me entender, entende? Porque não é fácil e espero que a gente seja companheiro, isso é o que eu mais espero, companheirismo sabe. Agente já pensou e foi falado no curso dos pais biológicos e assim de forma alguma a gente vai deixar de falar pra ele que é adotado entende, vai sempre falar, óbvio né, na idade certa e tal, a gente vai sempre falar que é adotado, e se um dia ele quiser procurar o que a gente vai fazer. (S3)

Todos os planos do mundo, melhores possíveis. O sonho que tenho é dessa criança vim, se formar um bom homem, uma boa pessoa, bom caráter, trabalho e não ter vergonha de mim. (S4)

A melhor possível , vou tentar ser uma mãe boa, como a minha foi, na gente tenta sempre se espelhar nos pais que a gente tem né, tentar passar pra eles os valores bons da vida, o que é o certo e o que é errado, e criar ele com amor e carinho. (S5)

A melhor possível, pretendo passar oque eu aprendi com o meu pai pra eles também. (S6)

Bom, a gente sempre espera o melhor né, então eu acredito, que se eu passar bons valores né, desde pequeno, as regras né, como conviver em sociedade, passar tudo que é de bom, então eu espero que depois ele colha e faça as coisas boas, só que a gente sabe que nem sempre é assim né, só que tem uma diferença que as pessoas hoje tem, a, mas fez algo errado porque é adotivo, não, o biológico também faz os mesmos erros e problemas né, então você sempre vais esperar o melhor não de cobrança, mas você vai pelo menos querer que pelo menos ele vá nos caminhos certos né, você vai tentar passar aquilo que é correto, que a sociedade admite, oque você pode fazer e daí depois quando ele crescer , ele vai escolher o caminho né, então, mas claro você sempre torce que sejam os melhores.(S7)

Pretendo bagunçar bastante a cabecinha dele. É assim uma formação bastante completa, não só no sentindo de você ter um futuro adequado, mas também ser um cidadão, pessoa ética

com valores morais e que saiba que existem momentos difíceis na vida e passando por esses momentos a gente cresce e que momentos bons também acontecem. Claro que cada idade tem uma forma de tratar isso, mas numa linha geral esse é objetivo. E brincar bastante. (S8)

Que seja a melhor possível. A todo o momento ele vai ser meu filho, jamais vou tratar como não se fosse porque é adotado. É meu filho do coração é meu. Vou dar educação como imaginei para um filho biológico meu. (S9)

Não quero ser só o pai, mais quero ser o melhor amigo dele. Quero que eu possa contar com ele e ele comigo. (S10).

A adoção vem trazer esperanças, expectativas, entusiasmo elevando a auto-estima, melhorando os objetivos da sua vida. O luto chega ao final. Segundo Souza (2000) o desejo do filho surge como uma forma especial de dar prolongamento á sua própria vida. Criar, educar, dar afeto, condições de vida para alguém. Dar segurança, um lar para viver e desenvolver suas potencialidades, capacidades e talentos mediantes os estímulos necessários para que tal ocorra. Oferecer um ambiente carinhoso e digno onde sua intimidade poderá ser respeitada, tudo segundo sua opção e concepção do que seja educar de cada um.

As expectativas de pais homossexuais em relação ao futuro compreendem desde o desejo de felicidade e aprendizado da tolerância (González, 2005) até a heteroafetividade do filho (Tarnovski, 2002).

Através dos relatos dos sujeitos pode-se observar juntamente com a literatura que os casais que estão na fila de espera da adoção esperam proporcionar um bom contexto familiar para essa criança, com base em amor, educação, carinho, amizade e ensinamentos. E como abordada na pesquisa o casal homoafetivo além de um bom contexto familiar pretende ensinar a essa criança a tolerância referente à escolha sexual do casal.

4.5 CATEGORIA 5: PERCEPÇÃO A CERCA DO APORTE SOCIAL VINCULADO AO ATO DE ADOTAR

A partir dessa categoria, pretende-se averiguar qual o aporte social vinculo ao ato de adotar presente da vida dos sujeitos apresentados. Este, obtido através do grupo de apoio a

adoção realizado com a Psicóloga do Fórum da Comarca de Rio do Sul e se existe incentivo por parte da família dos sujeitos que estão na fila de espera da adoção.

4.5.1 Subcategoria 5.1: Como você observa o grupo de apoio a adoção?

Visualiza-se que 100% dos sujeitos trazem a satisfação de participar do grupo de adoção. Porém 60% dos sujeitos trazem como fala central que o grupo de apoio a adoção auxiliam no aprendizado referente ao processo, sanando dúvidas, medos e anseios a respeito da chegada da criança. E 20% apresentam a troca de experiências obtidas através do contato com outros sujeitos que estão na fila de espera da adoção, colaborou para a certeza e preparação para o processo.

Eu vejo que é bom assim, foi muito bom, a gente aprendeu muita coisa boa porque assim, a gente não tem muita experiência de mãe, eu convivo com meus sobrinhos né, mas assim lá a gente aprendeu muita coisa assim que a gente não imaginava assim, oque é para uma criança o que não é, foi muito bom. Tem auxilio de psicólogo, de psiquiatra, do físico assim, a gente passou por tudo, mas foi muito legal, muito bom. (S1)

Gostei de tudo, fomos a palestras, foi bom. Porque a gente aprende bastante, ouve opinião das outras famílias, conhecem outras historias. (S2)

Olha, pra mim foi muito importante porque abriu a minha cabeça para um monte que coisas que a gente não pensava antes né, a gente queria adotar, mas ta e dai né, a cabeça da criança depois, então assim, foi nos passado coisas bastante valiosas assim né, que a gente não imaginava né, a gente quer a criança e tal, mas e ai depois que ela esta com a gente né, então isso tudo ali, pra mim foi muito importante, bem legal assim. Tem o auxilio de outros profissionais, dai tinha a mãe lá que já tinha adotado, então que participou algumas vezes também e isso tudo ajuda né, a gente pensar melhor, pensar de repente a gente participa do curso, poderia desistir né, por que querendo ou não é uma dificuldade né. E assim, foi o primeiro caso de Santa Catarina que o Juiz aceitou né, de um casal homo afetivo. (S3)

Legal, pessoal bem bacana. E da impressão do que a gente tava sentindo, a maioria deles estavam sentindo também. Uns já estavam mais tempo, outros na espera, outros começaram junto com a gente, afinal quem tava mais tempo saiu antes. Experiência bem legal e amizade

que construímos pessoas que nem sabíamos estavam na fila, conhecidas assim. Bem legal. (S4)

É bom, a gente troca experiências, conversa, porque a gente vê ai, nem todo mundo é, mas é só comigo, não é só comigo, tem bastante gente, cada um com motivo diferente, mas todos com a mesma razão, não poder ter filhos. Um é por doença, outro por opção, outro por idade e ali tu vê que não é só tu que ta nesse ramo né. Tem mais gente com expectativa e aquele que já adotou, tu vê como é, como esta sendo o processo de adaptação, como foi, como não foi, se deu certo, se não deu, o porque que não deu e isso contribuiu bastante pra te se acalmar, pra ti ver que um dia vai chegar, ter paciência, ajuda, claro que faz bastante amigos também. (S5)

Pra mim foi bom, a gente sempre aprende coisas novas né, porque a gente não era do ramo, a gente vai aprender coisa nova. (S6)

Eu acho assim, eu com o contato que tenho hoje aqui com as duas do fórum, eu acho muito bom, é excelente na verdade, porque o apoio, a explicação toda que elas dão desde o inicio, todo processo é muito bom, muito válido, o curso mesmo é ótimo, eu acho até assim se as pessoas que não querem adotar, mas as pessoas que tem os próprios filhos biológicos eu acredito que deveriam fazer o curso, de tão bom que ele é, porque você recebe palestra tanto do endócrino, endócrino não, do pediatra, a palestra da nutricionista então você tem todo um acompanhamento de todos né, você tem alguma duvida eles sempre tão ali disponível, você pode ligar ou ir lá a hora que você quiser, é eles te tranquilizam em todos os aspectos né, a forma de , vamos supor, a nossa preocupação é a questão de contar né, você é adotado, mas assim elas deixam muito claro é que você tem que fazer isso desde o primeiro momento, não importando a idade, então isso, elas te tranquilizam em relação a isso né, de que forma agir, como fazer, claro que na hora que acontece é diferente, mas elas conseguem te passar uma tranqüilidade, que tu né, as vezes eu penso meu Deus né, mas é o trabalho delas, então o apoio delas é muito bom, eu assim, eu gostei bastante né, até agora. (S7)

Fantástico. A assistente social e a psicóloga são muito bem profissionais, conhecem bastante o processo a parte técnica e principalmente o método. O caminhar, a forma de tratar todo esse processo. (S8)

Foi maravilhoso, aprendemos muitas coisas que nem imaginávamos. Foi muito bom, fez a gente abrir a cabeça, principalmente para adoção crianças mais velhas. (S9)

Excelente, sanam todas as dúvidas. Se tu tem receios, medos, gostaria de adotar uma criança mais tem sempre aquela pessoa que joga uma balde de água fria. E eles trazem experiências que tiram esses medos. (S10).

Em relação a esta preparação, Vieira (2004) aponta o surgimento dos grupos de apoio a pais na fila de espera da adoção como a iniciativa dos próprios pais candidatos a adoção nos anos 60 e 80 de modo informal, reunindo-se nas casas dos integrantes. Ela complementa pontuando que o principal objetivo destes grupos é construir um espaço no qual os pais adotivos e os candidatos à adoção possam encontrar apoio em um grupo de pessoas que passam pelos mesmos questionamentos sobre o processo de adoção. Trocando informações acerca de procedimentos jurídicos (documentos necessários, como fazer a inscrição candidatando-se a pais adotivos, como são as visitas e avaliações feitas pelo corpo técnico composto pelos profissionais da área de Psicologia e Assistência Social, etc.) e compartilhando uns com os outros as experiências pessoais relativas à constituição do vínculo afetivo com a criança, refletindo e discutindo juntos sobre as vantagens de revelar a adoção ao filho ou mantê-la em segredo, esses pais sentem-se mais preparados para realizar e viver o sonho de ter seus filhos (VIEIRA, 2004, p.83).

4.5.2 Subcategoria 5.2: De que forma sua família de origem visualiza seu incentivo em adotar uma criança ou adolescente?

Através dos dados obtidos pode-se notar que 100% sujeitos, apresentam o incentivo referente à adoção por parte da família de origem, trazendo como motivadores elogios perante a atitude optar pela adoção uma criança e apresentam em suas falas ansiedade durante o processo de adoção. E 30% dos sujeitos apresentam históricos de adoção na família que teve como fator de incentivo para este processo. Também 10% dos sujeitos colocam que serviu para incentivar outros familiares a buscar o processo de adoção.

Eles apoiam, todo mundo assim né, a gente comentou com a família antes de ir né, mas todo mundo apoiou a adoção e a vai demorar? Como que ta? Ta quase chegando? Todo mundo apoia, tenho o apoio tanto da minha, como da família dele. Tem um tio que tem um filho adotivo, ele tem 12 anos e a relação entre eles é ótima. (S1)

Toda família adorou a ideia, a mãe toda vez que vai lá pergunta como esta o processo. A sogra pede direto como está. Porque as duas estão vivas, os pais já faleceram. (S2)

Olha, todos eles, sem exceção me deram muito apoio, muito mesmo, eu não posso reclamar, assim a minha família é bem grande, eu tenho 9 irmãos e nenhum disse alguma coisa contraria, todos eles me falaram assim a favor, que tinha que ir mesmo, ficam deves em quanto perguntando se vai vim, se não vai vim, meus sobrinhos também, todos gostaram né, ficam perguntando se vai vir um priminho ou uma priminha, da minha família foi bem tranqüilo. (S3)

Tudo de bom, família ansiosa também. Elogia muito a atitude, o fato em si. Demonstram muito orgulho por isso. (S4)

No caso eu sou órfã de pai, ele faleceu quando eu era criança, a minha mãe assim na hora, parou e pensou, mas me apoia claro, com certeza, talvez até meu irmão quer entrar na fila de espera de adoção também, ele gostou, entrou no clima também, ta todo mundo envolvido assim, me incentivam, com certeza. (S5)

Eles apoiam, tem caso de adoção pelo lado da minha mãe, tem os primos dela, meu pai que eu saiba não, mas da minha mãe acho que tem três casos. (S6)

É, em relação a familiares, como nós já temos histórico de adoção na família, eles veem isso, com bons olhos, porque já existem tios, sobrinhos, primos que são então já é uma família que tem histórico de adoção, então não teve nenhum momento assim, a mais porque vocês vão fazer isso, se vocês tem possibilidade de ter o de vocês, não, nenhum momento, todos adoraram a ideia, quando a gente falou então que queria três irmãos, então foi uma loucura, tanto que assim, ta todo mundo mais ansioso que a gente porque eles vivem perguntado, como ta, mas assim a ansiedade deles acho que é maior ainda que a nossa. (S7)

Meus pais, minha mãe está ansiosa bastante. Porque ela já adoto, adoto minha irmã. E agora sabendo que pode vir três ela esta bastante ansiosa. Liga pra mim e já chora, toda emocionada. (S8)

Mais ansioso que eu, meu pai principalmente fica dizendo: ah! Quando vai vim meu neto! Todo mundo está nessa expectativa. (S9)

Melhor possível, eu sou o filho mais velho, minha mãe já sabia que minha esposa não poderia ter filho. Antes mesmo de eu e minha esposa decidirmos, minha família já dizia para adotar. (S10)

Segundo Reppold e Hutz (2002), “a literatura aponta a discriminação associada à adoção, evidenciando a grande freqüência das situações de preconceito que as famílias adotivas são expostas, o que pode, inclusive, justificar as dificuldades de adaptação dos adotados, ou o menor apoio social percebido pelas mães adotantes.” Pode-se destacar a importância do apoio familiar e da sociedade, para uma boa vivência da criança nesse novo âmbito familiar.

Diante dos relatos dos sujeitos, o resultado dessa questão apresentou uma diferença perante a literatura, pois os resultados apontaram que 100% dos sujeitos receberam apoio de seus familiares. Os quais foram incentivados para a construção de uma família e para a vinda tão esperada de uma criança. E a literatura apresenta certa discriminação, preconceito, dificuldade de adaptação presentes nas famílias de casais que optam pela adoção.

4.6 CATEGORIA 6: PERCEPÇÃO DO CONJUGÊ FRENTE A ADOÇÃO

Nesta categoria o objetivo central da pesquisa, é o de levantar dados a cerca das expectativas entre o cônjuge durante o processo de adoção.

4.6.1 Subcategoria 6.1: Qual sua observação a respeito das expectativas frente á adoção por parte de seu cônjuge?

Observa-se que 90% dos sujeitos relataram a observação por seu cônjuge como ansiedade e o desejo da construção familiar. Sendo que 10% dos sujeitos trouxeram a diferença nas expectativas perante seu cônjuge, pelo motivo de estar cursando o Doutorado, apresentando assim percebe-se uma resistência pessoal durante o processo.

A ele também ta assim esperando que venha logo assim, porque tanto eu como ele, os dois adoram criança né, então assim ele também, ontem quando eu falei pra ele a Kelre ligou que

vai vir umas moças fazer entrevista, nossa ele ficou feliz, pensou será que logo vem nosso filho, ele ficou bem feliz. (S1)

Os dois estão ansiosos, esperando pra ver se chega logo a criança. Escolha foi dos dois, do casal. (S2)

Ela ta bem ansiosa, assim no começo a gente tava mais ansiosas assim, agora já esta mais com o pé no chão, a gente sabe que vem então ela também ta esperando com muito carinho e tudo pra dar, só que já com o pé no chão né, a gente sabe que pode demorar e é basicamente isso. (S3)

Mais ansiosa que eu, isso te garanto. (S4)

Ele tem bastante expectativa, não vê à hora de chegar porque ele fica fazendo umas traquitana de brinquedo, cavalinho de madeira, um trator que fez de madeira todo cheio de nove horas, ta com bastantes expectativas também. (S5)

Ela ta bastante ansiosa, toca o telefone ela fica meio nervosa. (S6)

Eu acredito que ele também esta ansioso, mas assim é, como ele ta agora muito envolvido com o doutorado acho que ele não esta muito focado né, toda vez que toca o telefone e é alguém do fórum porque ele ta muito envolvido com coisas fora né, ai como eu to mais em casa, eu acredito que pra mim é pior, mas pra ele assim a expectativa é lógico, a hora que eles dizerem não, vem aqui conversar, vai ser na hora né, aquela ansiedade né, a vamos lá. (S7)

Bastante empolgada, feliz. Ela é irmã mais velha de uma família de cinco irmão, ela praticamente criou os 4 irmãos. Por ser mulher, que mulher tem esse carinho a mais diferente do homem que é mais jogado. Mulher já pensa no lar, nos filhos, na família. Bastante empolgada. (S8)

A gente vê que ele brinca bastante com criança e ficamos na expectativa de quando vai vim. Mas quando entramos foi deixado claro que a média é cinco anos de espera por ser recém-nascido. (S9)

Ansiedade é o prevalece, ela já queria ter filho antes, mas como ela não pode. Então para ela quanto antes vim, melhor, acabando com a ansiedade. (S10)

O processo de construção da parentalidade para os pais que estão na fila de espera reflete-se na maneira de como vão construir sua nova família. A espera pelo filho adotivo é

longa e difícil em muitos casos. Ainda que os candidatos saibam que estão em uma lista oficial de espera e que serão chamados assim que a criança estiver disponível à adoção, a sensação de muitos candidatos é de que nada está acontecendo (REPPOLD et al., 2005).

Segundo Maldonado 2001, “a adoção deve ser encarada como uma adoção recíproca, no sentido de mútua constituição”. Sendo preciso assim, uma verdadeira doação de dedicação e sentimentos para que o futuro seja marcado por boas relações, com mútua construção de sonhos e compartilhamento das possíveis frustrações a serem vivenciadas.

(2002), a acolhida de uma criança, filho biológico ou não, tem uma ressonância diferente para a mulher e para o homem, mesmo que, intencional e conscientemente, os dois assegurem que tem uma decisão em comum.

Perante os relatos dos sujeitos entrevistados, o resultado dessa questão não corroborou com a literatura, pois os resultados analisados na pesquisa apontam que os cônjuges não apresentam diferença diante as expectativas da adoção, decidiram pela adoção juntos. Apresentam ansiedade para construção da família através da vinda da criança tão desejada por ambos. E a literatura apresenta que existe diferença na expectativa da mulhe

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso foi realizado enquanto levantamento das expectativas dos casais diante da adoção, mais especificamente levando-se em consideração a Lei nº 8.069. Por intermédio da Lei nº 12.010, de 03 de agosto de 2009, a chamada "Lei Nacional de Adoção", que promoveu modificações em 54 (cinquenta e quatro) artigos da Lei nº 8.069/90 (estatuto da criança e do adolescente), trazendo como principal objetivo aperfeiçoar os trâmites legais da adoção, o direito das crianças e adolescentes à convivência familiar, para que dessa forma fortaleça e preserve a família de origem e que seja evitado ao máximo o abrigamento dos adotados. (LEI 12.010/09).

Os casais entrevistados apresentam as mesmas expectativas perante esse processo, prevalecendo o desejo e a ansiedade da vinda da criança para que a família esteja completa. Tendo como base os relatos dos casais, percebemos que aceitar a condição de pais adotivos implica em elaborar uma série de fantasias, crenças, valores, desejos e expectativas com relação à parentalidade. Tornando esse processo de adaptação de forma que seja mais facilitadora, irá refletir na maneira como os futuros pais irão construir seu lugar e encarar sua nova família e suas crenças.

Através dos dados obtidos pode-se observar a importância para os casais em participar do grupo de adoção, tendo como auxilio a psicóloga, assistente social, psiquiatra entre outros, que auxiliam na compreensão e minimização da idealização do processo e da futura criança que será adotada por esses casais.

Sobre os objetivos específicos, consideramos que, em relação ao processo de adoção, os pretendentes estão amparados, diante do grupo de apoio e os especialistas que nele estão envolvidos, o qual se torna de fundamental importância no decorrer deste processo.

Torna-se notório observar que as expectativas dos membros destes casais são semelhantes, os discursos igualitários e as experiências divididas entre eles nos apresenta o desejo e ansiedade pela vinda da criança esperada, já amada e idealizada, sempre em busca da construção familiar.

Pode-se perceber ainda que a impossibilidade de ter um filho biológico, neste grupo, é o que predomina os resultados pela adoção, o que não impede o sonho de constituição familiar e aceitação social da continuidade da espécie.

REFERÊNCIAS

AMIN, Isabel Dias; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. **Preferências por Características do Futuro Filho Adotivo Manifestadas por Pretendentes à Adoção.** Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs-2.2.4/index.php/psicologia/article/view/7653/8145>. Acesso em: 02 nov 2013.

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de. E ET AL. **Adoção de crianças por casais homoafetivos:** Um estudo comparativo entre universitários de direito e psicologia. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n2/a13v19n2.pdf>. Acesso em: 05 nov 2013.

BLOGOSLAWSKI, Ilson Paulo Ramos; FACHINI, Olímpio; FAVERI, Helena Justen de. **Educar para pesquisa**: normas para produção de textos científicos. 3.ed. ver. Ampl. E atual. Rio do Sul: Nova Letra, 2010.

BRANDÃO, Ponte Eduardo, GONÇALVES, Signorini Hebe. **Psicologia Jurídica no Brasil.** Rio de Janeiro: NAU Ed. 2004.

BRASIL. [Estatuto da criança e do adolescente (1990)]**, Estatuto da criança e do adolescente comentado : comentários jurídicos e sociais.** Disponível em: <http://bdjur.stj.gov.br/xmlui/handle/2011/23109?show=full>. Acesso em: 2 mar.2013.

CAMURRA, Luciana; BATISTELA, Cláudia Cristina. **A entrevista como técnica de pesquisa qualitativa**. Disponivel em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1135>. Acesso em: 2 jun 2013.

CARTILHA PASSO A PASSO- Adoção de Crianças e Adolescentes no Brasil Realização: Grupo Acesso – Estudos, Pesquisa e Intervenção em Adoção.Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo.

COSTA, Luana T.M. e et al. **Grupo de apoio a pais na fila de espera da adoção.** Disponível em: <http://eventos.uepg.br/ojs2/index.php/conexao/article/viewFile/3722/2611>. Acesso em 04 nov 2013

DALL' AQUA, Carine Bonalume e LÓPEZ, Vanessa Beckenkamp. **A adoção tardia ao ponto de vista do casal adotante.** Disponível em: <https://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/section/99/carine.pdf>. Acesso em: 10 nov 2013

DIGIACOMO, Murillo José. "**Breves considerações sobre a nova "Lei Nacional de Adoção".** Disponível em: <http://www.mpba.mp.br/eventos/2009/outubro/dia_23/lei_de_adocao_breves_consideracoes.pdfAcesso em: 5 mar. 2013.

_____. Género – Representações e Identidades. **Sociologia – Problemas e Práticas,** Lisboa, n.14, p.127-140, 1993. Disponível em: <http://www.repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/909/1/8.pdf>. Acesso em: 12 maio 2013.

HUBER, Manoela Ziegler e SIQUEIRA, Aline Cardoso.**Pais por adoção:** a adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000200014>. Acesso em: Acesso em: 02 nov 2013.

GONDIM, Ana Karen et al. **Motivação dos pais para a prática da adoção**. *Bol. psicol* [online]. 2008, vol.58, n.129, pp. 161-170. ISSN 0006-5943. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000200004>. Acesso em 15 abr. 2013.

HUBER, Manoela Ziegler e SIQUEIRA, Aline Cardoso. **Pais por adoção:** a adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. *Psicol. teor. prat.* [online]. 2010, vol.12, n.2, pp. 200-216. ISSN 1516-3687.

LÁZARO, Mário Camargo. **Adoção tardia no Brasil**: desafios e perspectivas para o cuidado com crianças e adolescentes. Disponivel em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=msc0000000082005000200013&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 maio 2013.

LEVINZON, Gina Khafif. **Mudanças - Adoção na clínica psicanalítica**: o trabalho com os pais adotivos**.** Psicologia da Saúde,14 (1), jan./jun. 2006, 24-31p. A. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/630/629>. Acesso em 1 mar. 2013.

LEVY, Lidia; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Famílias monoparentais femininas**: um estudo sobre a motivação de mulheres que adotam. Interação em Psicologia, 2002, p.243-250. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2.2.4/index.php/psicologia/article/view/3312/2656>. Acesso em: 2 mar. 2013.

MAUX, Ana Andréa Barbosa; DUTRA, Elza. **Do útero à adoção**: a experiência de mulheres férteis que adotaram uma criança. Estudos em Psicologia, 14(2), Maio-Agosto, p.113-121,2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/epsic/v14n2/a04v14n2.pdf>. Acesso em: 15 maio 2013.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. **Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades**. Estudos Feministas, Florianópolis, 2008.

PARANÁ. LEI 2010, 29 DE JULHO DE 2009. Danilo Sérgio Moreira Dantas. UNIPAR - Universidade Paranaense. Disponível em: <http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=3282 >. Acesso em: 14 abr. 2013.

PURETZ, Andressa; LUIZ, Danuta E.C**. Adoção tardia:** desafios e perspectivas na sociedade contemporânea. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:FqEvwxGCOmMJ:dialnet.unirioja.

es/descarga/articulo/4024346.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-a>. Acesso em: 03 jun. 2013.

SCORSOLINI-COMIN, Fábio; AMATO, Lissandra Maria e SANTOS, Manoel Antônio dos. **Grupo de apoio para casais pretendentes à adoção**: a espera compartilhada do futuro. *R ev. SPAGESP* [online]. 2006, vol.7, n.2, pp. 40-50. ISSN 1677-2970. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-29702006000200007&script=sci_arttext> Acesso em: 29 mar. 2013.

SCORSOLINI – COMIN, Fabio; SANTOS,Manoel Antônio dos. **Aprender a viver é o viver mesmo**: o aprendizado a partir do outro em grupo de pais candidatos a adoção. São Paulo. 2008. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-24902008000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 01 jun. 2013.

SCOTT. Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <http://ia700308.us.archive.org/21/items/scott_gender/scott_gender.pdf>. Acesso em: 6 de abr. 2013.

SCHETTINI, Suzana Sofia Moeller; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. **Famílias Adotivas**: Identidade e Diferença. Psicologia em Estudo, Maringá, v.11, n.2, p.285-293, mai./ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a06.pdf> Acesso em: 1 jun. 2013.

SILVA, Viviane Regina de Oliveira; SOUZA, Jessica Galindo. **Motivação:** Adoção na família. Disponível em: <http://www.fgh.escoladenegocios.info/revistaalumni/artigos/ed04/Ed04%20_Art_02_Adocao.pdf> Acesso em: 04 nov 2013.

SOUZA, Halia Pauliv De. **Adoção e adoção.** Jurua Editora. Curitiba, 1999

VARGAS, Marlizete Maldonado. **Adoção tardia**: da família sonhada a família possível. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj; KOSSOBUDZKI, Lúcia Helena Millazzo. **Filhos da solidão**: institucionalização, abandono e adoção. Paraná. 1996

WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj. e et al. **Identificação de Estilos Parentais**: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a05v17n3.pdf>. Acesso em: 15 maio 2013.

ANEXO

UNIVERSIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO

DO ALTO VALE DO ITAJAÍ

PROPPEX – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado a participar em uma pesquisa. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Se você concordar em participar basta preencher os seus dados e assinar a declaração concordando com a pesquisa. Se você tiver alguma dúvida pode esclarecê-la com o responsável pela pesquisa. Obrigado (a) pela atenção, compreensão e apoio.

Eu, _____, residente e domiciliado _____,portador da Carteira de Identidade, RG nº_____, nascido (a) em ____/____/_____, concordo de livre e espontânea vontade *em participar como voluntário* da pesquisa "As expectativas do casal diante da adoção". Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Estou ciente que:

1. O estudo se refere à compreensão sobre o processo de adoção, analisando a diferença de gênero e descrevendo as diferentes expectativas encontradas entre estes.
2. A pesquisa é importante de ser realizada para compreensão, auxilio social e psicológico frente o processo de adoção.

3. Participarão da pesquisa casais que estão na fila de espera para adoção no Fórum da Comarca de Rio do sul.
4. Para conseguir os resultados desejados, a pesquisa será realizada através de um entrevista semi - estrutura, com perguntas semi – abertas, resultando assim em uma pesquisa qualitativa. Para auxiliar na obtenção dos dados será utilizado gravador durante as entrevistas.
5. A pesquisa é importante de ser realizada, pois deve trazer como benefícios um conhecimento mais amplo e profundo acerca da temática exposta. Os quais poderão ser úteis no desenvolvimento de intervenções psicológicas dirigidas a casais que estão no processo de adoção.
6. Se houver algum problema ou necessidade, posso buscar assistência as responsáveis pela pesquisa Jéssica Carla Simão e Maiara Weiss, a professora orientadora Cintia Adam ou no NEAP (Núcleo de Estudos Avançados em Psicologia) da UNIDAVI.
7. Se, no transcorrer da pesquisa, eu tiver alguma dúvida ou por qualquer motivo necessitar posso procurar o NEAP (Núcleo de Estudos Avançados em Psicologia) da Unidavi , localizado na Rua Dr. Guilherme Gemballa,13, Centro – 89.160-000 – Rio do Sul.
8. Tenho a liberdade de não participar ou interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação. A desistência não causará nenhum prejuízo a minha saúde ou bem estar físico.
9. As informações obtidas neste estudo serão mantidas em sigilo e; em caso de divulgação em publicações científicas, os meus dados pessoais não serão mencionados.
10. Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados ao final desta pesquisa com as alunas responsáveis mencionadas acima, com a professora orientadora da pesquisa Cintia Adam ou no NEAP (Núcleo de Estudos Avançados em Psicologia) da UNIDAVI.

DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente em participar (ou que meu dependente legal participe) desta pesquisa e assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Rio do Sul, _____ de _____ de _____

_____

(nome e assinatura do sujeito da pesquisa e/ou responsável legal)

Responsável pelo projeto: Cintia Adam _____,

Jéssica Carla Simão _____,

Maiara Weiss _____.

E-mail: psicoci@hotmail.com; jesimao@hotmail.com; maiaraweiss@hotmail.com.

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa da UNIDAVI: Rua Dr. Guilherme Gemballa,13 – Caixa Postal 193 - Centro – 89.160-000 – Rio do Sul - PROPPEX - Telefone para contato: (47) 5316000- Ramal 6078 e 6021 etica@unidavi.edu.br

APÊNDICE

ENTREVISTA

Identificação:

1. SEXO

( ) Feminino ( ) Masculino

2. QUAL SEU ESTADO CIVIL?

3. QUAL SUA IDADE?

4. QUAL A SUA ORIENTAÇÃO RELIGIOSA?

5. QUAL A SUA ESCOLARIDADE?

6. O QUE VOCÊ PENSA SOBRE ADOÇÃO ?

7. HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ ESTA NA FILA DE ESPERA DA ADOÇÃO E DE QUE FORMA SE SENTE DURANTE ESTE PERÍODO?

8.VOCÊ TEM FILHOS BIOLÓGICOS?

9.O QUE LEVOU VOCÊ A OPTAR PELA ADOÇÃO?

10. DENTRE AS POSSIBILIDADES APRESENTADAS AOS CASAIS, QUAL O PERFIL DA CRIANÇA QUE VOCÊ ESPERA? PORQUE?

11. COMO VOCÊ OBSERVA O GRUPO DE APOIO A ADOÇÃO?

12. QUAL A SUA OBSERVAÇÃO A RESPEITO DAS EXPECTATIVAS FRENTE À ADOÇÃO POR PARTE DE SEU CONJUGÊ?

13. O QUE VOCÊ ESPERA DA RELAÇÃO FUTURA COM O SEU FILHO?

14. DE QUE FORMA SUA FAMILIA DE ORIGEM VISUALIZA SEU INCENTIVO EM ADOTAR UMA CRIANÇA OU ADOLESCENTE?

15. CARACTERIZE ADOÇÃO ATRAVÉS DE UMA FRASE.